

protagonistas

da imprensa brasileira



A opinião de quem decide

José Marques de Melo

“Jornalismo brasileiro não avança por arrogância do mercado e da Academia”

Num momento em que o Brasil fervia, fascinado com a batida revolucionária de João Gilberto, com os dribles e gols desconcertantes do menino Pelé, com os 50 anos em 5 de JK, lá no distante 1959, na cidade alagoana de Santana de Ipanema, o adolescente **José Marques de Melo**, então com 15 anos, incentivado por professores e por seus dotes com as letras, decidiu que seria jornalista e foi à luta: bateu na porta da Gazeta de Alagoas e se ofereceu para ser correspondente da sua cidade.

Nunca mais parou, nem mesmo no período em que voluntariamente, nos anos 70, se exilou nos Estados Unidos, para, como os amigos garantiam, evitar coisas piores, e muito menos quando, já de volta ao Brasil, a ditadura o impediu de atuar nas universidades públicas.

Cinquenta anos depois (“que nem percebi passarem”), Marques de Melo, filho de um comerciante de secos e molhados que adorava ler jornais e discutir política, é dono de um invejável currículo: tem dezenas de obras publicadas, centenas de palestras feitas em todo o Brasil e em várias partes do mundo,

presarial, em empresas como Du Pont, Governo do Estado de São Paulo (Franco Montoro), Bayer, Odebrecht e Veracel.

Desgostoso com a falta de diálogo entre Academia e mercado, que não se falam por preconceitos recíprocos e pela arro-

gância de seus principais protagonistas, ele que, de modo sincero, confessa não saber mais o que fazer para quebrar essa resistência, diz manter a esperança de que as novas gerações possam mudar esse inglório quadro.

“Se não for para o mercado, para quem vamos fazer pesquisa?”, desabafa ao demonstrar todo o seu descontentamento com a falta de diálogo entre os acadêmicos e os profissionais de redação.

Formado em Jornalismo em 1964, pela Universidade Católica de Pernambuco, pós-graduado em 1965 em Ciências da Informação Coletiva, como bolsista da Unesco, em Quito (Equador), e doutor em Jornalismo em 1973 (o primeiro do Brasil), pela USP, onde defendeu a tese *Fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*, Marques de Melo tornou-se professor titular da Unesco nos anos de 1991 e 1992, na primeira cátedra implantada em Barcelona, experiência que seria decisiva para a instituição indicar o Brasil, em 1996, como sede de uma das quatro cátedras de Comunicação que queria implantar na América Latina (as outras ficam em Uruguai, Colômbia e México). A instituição escolhida para abrigá-la foi o

que os 50 anos de carreira lhe conferem, que o verdadeiro jornalismo globalizado não prescinde da aldeia, onde tudo e todos começam.

Defensor vigoroso da Assessoria de Imprensa pelo seu viés jornalístico, “uma invenção brasileira”, como ele diz, considera que a chegada dos jornalistas a essa atividade, por um certo desinteresse dos relações públicas, foi relevante e uma belíssima contribuição para a democracia, já que levou para dentro das organizações um posicionamento ético, responsável e comprometido com a transparência.

Esse mesmo vigor ele usa para dizer que não vê a faculdade de Jornalismo como único meio para chegar à profissão, embora a considere o melhor, como em todos os lugares do mundo. Por ele, que inclusive já fez algumas tentativas – sempre derrotadas – nessa direção, o ingresso no Jornalismo também poderia ser feito por um curso de pós-graduação, aberto a outras formações profissionais.

Seu mais recente desafio foi encomendado pelo Ministério da Educação e Cultura, o MEC, que decidiu rever as diretrizes do ensino de Jornalismo e o convidou para liderar o trabalho. Reticente, aceitou com a condição de que pudesse extrapolar as fronteiras acadêmicas e ouvir a sociedade, o mercado, para ver quais contribuições dali viriam. Estiveram ao seu lado nessa comissão os professores Carlos Chaparro (USP), Sonia Vir-



Na foto, a partir da esquerda, Wilson Barancelli, professor José Marques de Melo, Eduardo Ribeiro e Antonio Alberto Prado

então Instituto Metodista de Ensino Superior, hoje Universidade Metodista, e desde então seu titular é o próprio professor Marques de Melo.

Embevecido por tantas honrarias e tanto reconhecimento? Nem tanto. Para quem acorda todos os dias às 4h da manhã para atualizar-se e preparar suas aulas; para quem luta, de um lado, pela elevação da capacidade de cognição da sociedade brasileira (via políticas públicas na área de Educação), e, de outro, enquanto isso não acontece, para o Jornalismo baixar o nível cognitivo (e não o nível ético) visando maior aproximação com as camadas populares; para quem critica os jornalistas pela preguiça intelectual e o conseqüente distanciamento da universidade, tudo faz crer que, no caso dele, a luta continua e que os prêmios e outras honrarias só o estimulam a prosseguir nesse caminho.

Pai de um casal de filhos e já com três netos no “currículo”, Marques de Melo é daqueles que vai a qualquer canto do mundo, mas não abre mão de seus finais de semana em família, passados preferencialmente em Campos do Jordão – a capital paulista do frio, incrustada na Serra da Mantiqueira –, e muito menos de um bom prato, *gourmet* que diz ser.

Nascido em Palmeira dos Índios, na divisa do sertão com o agreste alagoano, e criado em Santana de Ipanema, no sertão, ele valoriza demais sua origem e diz, com a autoridade

gínia Moreira (Uerj), Lúcia Araújo (Canal Futura), Alfredo Vizeu (UFPE), Eduardo Meditsch (UFSC), Luiz Gonzaga Motta (UnB) e Sérgio Mattos (UFRB – Recôncavo Baiano). Esse trabalho foi concluído e a esta altura já deve estar nas mãos do ministro Fernando Haddad, de onde seguirá para o Conselho Superior de Educação, que tem a palavra final sobre sua aprovação, aceitação parcial ou rejeição.

No último dia 14/7, Marques de Melo recebeu, em Porto Alegre, da Organização Católica Latinoamericana e Caribenha de Comunicação (Oclacc), o *Prêmio Internacional Comunicador da Paz 2009*, durante o *Mutirão de Comunicação América Latina e Caribe*, realizado no Centro de Eventos da PUC-RS.

Nas quase três horas desta entrevista, ele respondeu a nada menos do que 200 questões, enveredando por todos os caminhos da Comunicação e do Jornalismo, numa conversa que, asseguramos, nada tem de enfadonha.

Protagonista de seu tempo, assinando há muitos anos a coluna *Campus*, na Revista Imprensa, é o primeiro acadêmico a integrar esta série de *Jornalistas&Cia*, num reconhecimento ao trabalho que tem realizado no Brasil pelo aprimoramento do Jornalismo, ao longo de cinco décadas. Vale a pena conferir suas críticas, suas análises, seu pensamento e deles extrair reflexões que podem ser de grande valia para o aprimoramento dessa tão apaixonante atividade profissional.

Uma coisa é certa: mercado e Academia precisam acabar

com seus pruridos, calçar as sandálias da humildade e sentar em torno de uma mesa (e de ideias) para fazer o que deles a sociedade brasileira inteira espera: um Jornalismo melhor. Enquanto isso não acontecer, continuaremos menores.

Boa leitura!

Eduardo Ribeiro e Wilson Barancelli, com fotos de **Luiz Anversa**



Protagonistas da Imprensa Brasileira – O senhor está completando, agora em 2009, 50 anos de trajetória profissional, com uma dedicação quase sacerdotal à pesquisa e ao ensino de Jornalismo. Passou muito rápido esse período? Diria que a vida tem sido generosa consigo?

José Marques de Melo – Não sei se ela tem sido generosa, mas sem dúvida tem sido rápida demais. Não acreditei quando me dei conta de que iria completar 50 anos de Jornalismo. Estive lá em Alagoas no ano passado e os alunos disseram: “Professor, o ano que vem o senhor vai completar 50 anos de Jornalismo. Por que não prepara um livro com as suas primeiras atividades, que nós não conhecemos?” Eu disse: “O quê?! 50 anos?” Aí fui olhar e vi que realmente eram 50 anos. Foi então que comecei a reunir esse material que deu origem ao livro *Vestígios da Travessia*. E fui vendo que era como se fosse hoje. Não diria que foi ontem, não. É que, na verdade, esse período da minha geração foi tão turbulento que fomos atravessando o tempo sem notar. Até porque a minha geração foi a que procurou ser protagonista dos acontecimentos, não apenas figurante. Só de estar metido nos acontecimentos faz com que a gente, que tem vocação jornalística, desempenhe duplo

papel: ao mesmo tempo em que é testemunha ocular da história, está interferindo sem pretender. A vida foi rápida e, nem digo que foi generosa porque, por filosofia, “deixo a vida me levar”.

Protagonistas – Sem conhecer o Zeca Pagodinho...

Marques de Melo – Não conhecia o Zeca Pagodinho, mas quando ouvi o pagode disse: “É isso!” (risos)

Protagonistas – Vivendo entre salas de aula, laboratórios, bibliotecas, auditórios, aeroportos, sobra tempo para o lado mundano da vida – o encontro com os amigos, o cinema e teatro, as orgias gastronômicas?

Marques de Melo – Tenho uma vida equilibrada, porque sem equilíbrio muitas vezes não há sentido em fazer as coisas...

Protagonistas – Aliás, afóra o trabalho, quais as coisas que mais aprecia fazer?

Marques de Melo – Primeiro, sou um bom *gourmet*. Gosto muito da boa mesa, do bom garfo e do bom copo. Segundo, me agrada, sobretudo, passar os fins de semana com a minha família. Os fins de semana são sagrados. E os momentos com os netos. Depois que os netos apareceram, nós tivemos que passar a privilegiar. Apesar de que minha mulher protesta demais e diz: “Vai fazer outra

palestra? Acha que vai dar tempo de chegar em Campos do Jordão?” Eu digo: “Vou chegar no sábado de manhã” E ela: “Não vai dar tempo. Então, está cortado Campos do Jordão!”

Protagonistas – Quantos filhos e quantos netos?

Marques de Melo – Tenho dois filhos. Uma filha que é farmacêutica e um filho que é radiologista. Estudou rádio e televisão.

Protagonistas – Seguiu sua trilha um pouquinho, não é?

Marques de Melo – Pois é. Não sei se ele seguiu minha trilha porque eu sou gutemberguiano. Eu sou da imprensa, da escrita, e ele é da imagem e do som. E fez por sua própria iniciativa. Nunca interferi na educação dos meus filhos. Sempre os ajudei a progredir, mas nunca interferi. Num determinado momento ele disse: “Pai, vou prestar vestibular. Vou fazer Rádio e Televisão. Onde vou fazer?” Eu disse: “Veja os cursos que há por aí” Ele fez uma verificação e optou por fazer na Metodista. Metodista e FAAP, naquele momento, eram os melhores em equipamentos, eram bem organizados, modernos. Ele fez na Metodista e foi trabalhar como produtor na televisão por alguns anos. Depois me disse: “Quero fazer mestrado”. Mas a paixão dele é roteiro. Gosta

de fazer roteiros. Ele sempre me acompanhava nas viagens quando eu ia para a Espanha ou Estados Unidos e se munia de informações sobre roteiros. Aí, em determinado momento, dei uma ajuda a ele: “Olha, roteiro você não vai fazer na Comunicação porque não tem isso aqui no Brasil. Só nos Estados Unidos. Aquela geração do Woody Allen não vai passar por aqui tão cedo”. Porque sabemos que aquele cinema americano, que vem da Academia, é baseado em grande parte na preparação do roteiro. Ele fez Roteiro nas Letras do Mackenzie e agora está fazendo Doutorado na Metodista em Comunicação. Uma tese inusitada, porque está estudando o Drácula Brasileiro, que é o Zé do Caixão. Ele é muito virado no terror.

Antonio Alberto Prado – Mas é roteiro de Rádio e Televisão?

Marques de Melo – Rádio, Televisão, Cinema e Quadrinhos. Ele é bom roteirista de quadrinhos. Faz duplas com alguns colegas.

Prado – Mas não desenha, só faz o roteiro?

Marques de Melo – Desenha também, mas o forte dele não é o desenho.

Protagonistas – Qual o nome dele?

“A Comunicação continua sendo uma área marginal. O volume de recursos que é alocado para a pesquisa de Comunicação é uma coisa ridícula se comparado ao que eles alocam... Não vou nem falar dos Estados Unidos, mas em países como Portugal, Espanha ou México.”

Marques de Melo – Marcelo. O bom de desenho é o meu neto.

Protagonistas – Quantos netos?

Marques de Melo – Três netos. Aliás, os dois filhos de Marcelo têm muito essa capacidade de desenhar. Tanto o Gabriel quanto a Bia. Puxaram à minha mulher, porque eu não tenho habilidades artísticas. Nem canto, nem música, nem desenho. Já a família da minha mulher tem um pouco mais desse traço. E a minha filha, Silvana, formou-se em Farmácia. Preparou-se para ser uma grande pesquisadora farmacêutica, estudou na Alemanha, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Entrou no mercado, estava muito bem, e de repente disse: “Olha, não é isso que eu quero. Se for para

ser comerciante, prefiro ser comerciante de mim mesma”. Então, abandonou a profissão, comprou uma gleba lá na Serra da Mantiqueira e montou uma pousada. Uma grande aventura.

Protagonistas – E está indo bem?

Marques de Melo – Bom, dez anos depois... (risos) Ela levou dez anos lá, construindo. Ainda bem que nunca tomou empréstimo! Mas está indo bem. Agora mesmo, esses dias, está lotada. Eu nem posso ir lá porque não tem lugar.

Protagonistas – Quebrado o gelo, vamos à conversa mesmo. Quais os desafios de ser um pesquisador no Brasil, especificamente na área de Comunicação?



José Marques de Mello

Marques de Melo – É um grande desafio, porque, por mais que tenhamos uma série de estruturas montadas nos últimos 50 anos, a pesquisa ainda é uma coisa residual. O País não investe em educação básica e, consequentemente, mantém investimentos em Ciência e Tecnologia que são ridículos. Claro que isso mudou muito. Eu diria que já há uma consciência crescente de que é preciso investir em Ciência e Tecnologia, mas não há ainda uma estrutura adequada para o pesquisador ter condições de trabalhar. E na área de Comunicação, pior ainda. A Comunicação continua sendo uma área marginal. O volume de recursos que é alocado para a pesquisa de Comunicação é uma coisa ridícula se comparado ao

que eles alocam... Não vou nem falar dos Estados Unidos, mas em países como Portugal, Espanha ou México. Essa minha geração que começou a fazer pesquisa no Brasil vem lutando para conseguir pelo menos emplacar a área no sistema de Ciência e Tecnologia. Eu desenvolvi, durante dez anos, um trabalho contínuo de pelo menos colocar a Comunicação na TAC, a Tabela das Áreas do Conhecimento. Porque, quando nós começamos na USP, na Escola de Comunicações e Artes, em 1966, 67, Comunicação era um apêndice da área de Sociologia, e Jornalismo não era nem considerado uma coisa digna de figurar na atividade científica. Nós tivemos que lutar muito para dizer "sim, é uma área que tem tradição".

Porque pesquisa em Jornalismo existe desde 1690. Desde que Tobias Peucer fez as primeiras teses, lá na Universidade de Leipzig, a área vem crescendo com muita intensidade, em quantidade e qualidade. Mas aqui no Brasil não se considerava. E de um modo geral, quando começamos na USP, os processos eram todos glosados. Um dia, peguei três ou quatro processos de alunos e colegas meus e fui falar com o diretor científico da Fapesp (**Nota da Redação:** a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), professor Flávio Fava de Moraes: "Flávio, não é possível vocês continuarem nos julgando como se fôssemos sociólogos. Nós não somos sociólogos e dessa maneira não vamos andar". Na verdade, eu queria... Como a universidade instituiu uma escola com muito recursos, a Fapesp tinha que apoiar a pesquisa. Ele perguntou: "Quantos doutores há na área?" Eu disse: "Só eu e mais dois ou três". "Mas vocês não podem aparecer, vocês são da USP". Quer dizer, éramos cinco doutores: eu, **Torquato [Gaudêncio]**, **Thomas Farkas** e mais outros, que fomos os pioneiros. "Vocês não podem aparecer nos seus próprios processos. Eu vou cortar a verba da Sociologia". Eu disse: "Não

"Sem passar pela profissão, não há condições de se trabalhar na universidade. Porque não dá para formar jornalistas se o professor não tem experiência concreta, prática. É a mesma coisa com um médico. Se ele não exerce a profissão, como é que vai clinicar, fazer diagnóstico ou uma operação?"

aceitamos. Vamos fazer um recurso". Ele disse: "Vamos buscar uma solução. Existe a figura do notório saber. Quem há de notório saber em Jornalismo no Brasil?" Aí eu respondi: "Vou fazer uma lista". **Barbosa Lima Sobrinho, José Reis, Alberto Dines**, uma série de dez pessoas de notório saber e os processos começaram a fluir de outra maneira. Foi aí que começamos a furar o bloqueio. Mas em Brasília foi muito mais difícil.

Protagonistas – E a velocidade, o ritmo, melhoraram?

Marques de Melo – Na verdade, vem melhorando. Não melhorou mais porque a nossa área é ainda renitente. Por exemplo, são poucos os grandes jornalistas que querem ir para a universidade. De um modo geral, na minha opinião, sem passar pela profissão, não há condições de se trabalhar na universidade. Porque não dá para formar jornalistas se o professor não tem experiência concreta, prática. É a mesma coisa com um médico. Se ele não exerce a profissão, como é que vai clinicar, fazer diagnóstico ou uma operação? O que acontece é que os jornalistas que vão para a universidade não duram muito. Eles não agüentam. Porque a universidade é muito formalista e, eu diria, preconceituosa. É difícil para um grande profissional se adaptar à universidade. Aqueles que conseguem, terminam por

se afastar da profissão, se distanciam. Alguns até criam uma espécie de rejeição à profissão ou querem ser grandes intelectuais. E os que ficam na universidade nem sempre têm capacidade de se adaptar às regras do jogo. Qual é a regra básica para o sujeito conseguir investimento na área de Ciência e Tecnologia? É preciso ter demanda. Por exemplo, para haver um financiamento maior, precisa ter uma demanda maior. O financiamento é seletivo. Pela regra da seletividade, se existem dez projetos, um ou dois vão ser aprovados. Agora, se há 100, vai haver 20; se forem mil... Acontece que a área de Comunicação em geral, e o Jornalismo em particular, é muito cheia de pruridos. Quando mandam um projeto e ele volta com alguma crítica – não foi negado, voltou para uma reflexão –, de um modo geral, os colegas se irritam dizendo: "Ah, mas o meu projeto está bom". Eles não estão acostumados a ficar submetidos aos julgamentos dos pares. Em vez de voltarem com os projetos, eles abandonam e a demanda não cresce. Esse é o grande problema não só de Comunicação, mas das Humanidades em geral. Se você olhar as outras áreas do conhecimento que têm mais financiamento, tipo Física, Química e Biologia, eles têm um rito... Os físicos não vão a um julgamento sem ter antes mil projetos inscritos.

Prado – Nesses campos é mais fácil fazer projetos para ir rápido, porque você visualiza o objetivo daquela pesquisa. Mas o que é uma pesquisa em Comunicação? Quais são as áreas de pesquisa em Comunicação que poderiam ser abrangidas por financiamentos e que teriam resultados de impacto para a sociedade?

Marques de Melo – Pois é... Eu acho que o problema não está aí. Está na dificuldade dos pesquisadores jovens em formularem seus projetos. Não há limitação. Tanto o sistema internacional quanto o nacional apoiam projetos de boa qualidade. Se for de boa qualidade, independentemente da aplicabilidade à sociedade, ele é financiado. Mas muitas vezes os projetos que chegam às agências não são projetos de pesquisa. São ensaios. São especulações, reflexões à margem dessas questões e por isso não são financiáveis.

Prado – Não é fácil entender o que é projeto de pesquisa em Comunicação, em Jornalismo...

Marques de Melo – Os projetos que deveriam ser encaminhados são os que dizem respeito à melhoria das condições de produção no Jornalismo, às rotinas de produção. Mas, de modo geral, eles não se encaminham para isso. O que é uma distorção muito grande com que nos defrontamos, ainda como consequência

ência do Regime Militar. O Regime Militar foi muito danoso para certas atividades na universidade. O Jornalismo, a Comunicação e as Humanidades de uma forma geral ficaram sob um cerco. E isso criou uma reação que eu chamaria politização ou ideologismo. Temos uma geração que só quer estudar a ideologia. Não adianta... É bom saber que a ideologia existe, que ela funciona com determinadas características, mas não precisa repetir tanto. Os projetos que chegam em geral buscam analisar os aspectos políticos e ideológicos que nós já conhecemos exaustivamente. O que está faltando são projetos que indiquem às empresas, às associações de profissionais, como melhorar a qualidade de sua profissão. Por exemplo: qual a grande dificuldade que eu vejo hoje nos jornais diários? Os jornais estão acabando no Brasil por quê? Ou estão diminuindo ou perdendo espaço? Porque eles, na verdade, não atendem às demandas do público que os utiliza. Você vê esse caso do desastre da Air France (**Nota da Redação:** a queda do Airbus da Air France no Atlântico, no dia 31/5, em que mais de 200 pessoas morreram). Você abre o jornal, quer detalhes que

"O que acontece é que os jornalistas que vão para a universidade não duram muito. Eles não agüentam. Porque a universidade é muito formalista e, eu diria, preconceituosa."

expliquem melhor o acontecimento. E, na verdade, os jornais estão repetindo o que o rádio já disse e a televisão já mostrou e a internet já...

Prado – Aí você tocou num ponto que é fatal para o Jornalismo da forma como ele é. Você mencionou o caso do avião. Eu não li uma linha da imprensa escrita e não estou minimamente interessado no que a imprensa escrita diz porque entro na internet e fico sabendo em tempo real o que está acontecendo.

Marques de Melo – Veja, é esse seu hábito – que é meu também e de muita gente –, de ver na internet, que na verdade está matando o Jornalismo impresso. Porque se o jornal tivesse algum tipo de interpretação e explicação que cativasse o leitor...

Prado – Mas é esse o caminho para a sobrevivência do Jornalismo impresso guttembergiano?

Marques de Melo – Eu penso que sim. Acho que ele vai permanecer, mas precisa ter algo mais, um pouco mais de profundidade para um público leitor...

Prado – Você mencionou a ditadura militar. Você foi jornalista e era um jovem atuante durante a ditadura militar. O Jornalismo na época, com todas as dificuldades, não era mais instigante e o jornalista, mais corajoso?

Marques de Melo – Hoje também encontramos uma geração muito aguerrida. Jovens com muito talento, que vão à luta, que produzem coisas interessantíssimas. De um modo geral, esse pessoal está fazendo atividades



José Marques de mello

alternativas: fazem *blogs*, criam produtos que circulam em comunidades. Mas seria preciso recuperar um pouco o *élan* da profissão. Acho que a profissão de jornalista está em crise mundial.

Prado – *Veja o The New York Times...*

Marques de Mello – Pois é. Eu acompanho muito a literatura sobre as condições da profissão na Europa e nos Estados Unidos e é o mesmo problema lá e aqui.

Prado – *Porque eles não encontraram um caminho novo nesse mundo de internet, não é isso?*

Marques de Mello – Da internet também... Mas, na verdade, a questão é mais conjuntural. Eu acho que nós tivemos um baque enorme que se chama Queda do Muro de Berlim. De 1989 pra cá o mundo mudou completamente. O mundo que a nossa geração percebia desapareceu como um castelo de cartas e não há perspectiva sobre o que vai ficar no lugar.

Protagonistas – *Retomando a questão dos pesquisadores, vamos fazer quatro perguntas numa só: Há no Brasil um elenco de bons pesquisadores na área de Comunicação?*

temáticos. E aí eles criaram uma espécie de hegemonia teórico-metodológica e só ultimamente é que vem havendo uma reação a isso. Uma reação por parte dos jovens formados em Jornalismo. Temos uma comunidade só de pesquisadores em Jornalismo de mais de 300 jovens, que são doutores e mestres pelas universidades. Essa geração vem produzindo algo de esperançoso. Não é ainda visível. Eu acabo, por exemplo, de coordenar a edição de uma revista em língua inglesa, *Jornalism* – publicada simultaneamente na Inglaterra, Estados Unidos, Austrália e outros países do bloco anglófono –, e eles estavam curiosos para saber como é que estamos andando, porque o Brasil é um dos países que chama atenção pelo avanço nas pesquisas em Jornalismo.

“Os projetos que deveriam ser encaminhados são os que dizem respeito à melhoria das condições de produção no Jornalismo, às rotinas de produção. Mas, de modo geral, eles não se encaminham para isso. (...) Os projetos que chegam em geral buscam analisar os aspectos políticos e ideológicos que nós já conhecemos exaustivamente.”

Como anda a nossa produção intelectual? O senhor arriscaria citar alguns nomes da pesquisa acadêmica em Comunicação no Brasil? Há renovação?

Marques de Mello – Bom, aí é preciso fazer um parêntese para separar o joio do trigo. Primeiro, a área de Comunicação é muito vasta, envolve cobras e lagartos. Envolve setores dos mais diferenciados, como Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Rádio e Televisão, Cinema, Editoração. Quer dizer, é um campo multifacetado. O que aconteceu no Brasil foi uma certa distorção, eu diria, “comunicologi-

zante”. Por quê? Porque essas profissões não são muito respeitadas pela Academia, que sempre encarou essas profissões como trabalhos técnicos e há muitos jornalistas que acham que o que eles fazem é um trabalho técnico. Não é. O que menos tem em Jornalismo é técnica. O que tem mais é criação, intuição, invenção. Então, o que aconteceu? No início, como não tínhamos profissionais com titulação suficiente para ocupar as funções na universidade, ela foi incorporando pessoas que vinham de outras áreas do conhecimento: historiadores, sociólogos, psicólogos e até ma-

Protagonistas – *É uma informação que o mercado não sabe...*

Marques de Mello – Pela primeira vez eles dão atenção a um país determinado. Dentro de duas semanas (**Nota da Redação**: final de junho) vamos ter um colóquio com a África do Sul – Brasil, África do Sul e Inglaterra – para tentarmos fazer conexões.

Protagonistas – *E com essa produção crescente a relação com o mercado tem se estreitado?*

Marques de Mello – Não. Acho que aí está um grande problema. Nós precisamos superar isso. O mercado criou uma série de arestas, que vêm desde a instituição do diploma, e não se aproxima da Academia. Na verdade, criou-se uma dificuldade de parte a parte: a Academia não se aproxima do mercado e o

mercado não se aproxima da Academia. Nós precisamos superar isso.

Protagonistas – *Como?*

Marques de Mello – Eu não sei. Tenho tentado. Na verdade, entendo que, sem isso, não vamos avançar.

Protagonistas – *Não há troca...*

Marques de Mello – Não tem troca. Precisaria acabar com essa arrogância de parte a parte, porque ela infelizmente existe. Mas a quem interessa a pesquisa que nós fazemos? Se não interessar para o mercado, vai interessar a quem? Acaba ficando restrito ao mundo acadêmico. Mas isso talvez esteja sendo contornado com a criação de uma Sociedade Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo. A Intercom foi durante muitos anos um grande guarda-chuva que acolhia todas as áreas do conhecimento. Mas não tem mais sentido continuarmos só com a área de Comunicação. Temos hoje uma Associação de Pesquisadores em Jornalismo, outra em Relações Públicas, outra em Cinema. Essa Associação dos Pesquisadores em Jornalismo está editando uma revista internacional, em inglês, que circula no mundo inteiro. Como ela precisa de divulgação foram fazer fora do Brasil...

Protagonistas – *Precisa ir lá fora para divulgar o que se faz no Brasil...*

Marques de Mello – Porque nesse mundo

“Temos uma comunidade só de pesquisadores em Jornalismo de mais de 300 jovens, que são doutores e mestres pelas universidades. Essa geração vem produzindo algo de esperançoso. Não é ainda visível.”

globalizado se você não divulga em inglês não tem condições de subsistir.

Protagonistas – *Regionalmente, como é que estamos em termos de pesquisa no Brasil? Quer dizer, onde somos mais fortes? São Paulo, Rio, Pernambuco, quais são os polos principais?*

Marques de Mello – Na verdade, a nossa área não é diferente em relação às demais. São Paulo concentra quase dois terços da pesquisa brasileira, depois vêm Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais; aí vão 80%.

Protagonistas – *Fora desses eixos, onde há alguma luz?*

Marques de Mello – Está começando a surgir alguma coisa de forma indutiva. Eu acho que esse atual ministro da Ciência e Tecnologia [Sérgio Rezende] vem trabalhando... Como ele é nordestino, tem sensibilidade com essas questões. Têm surgido polos na Bahia, em Pernambuco, agora no Ceará, no Amazonas.

Protagonistas – *E mundialmente, quais seriam as grandes referências na pesquisa de Comunicação?*

Marques de Mello – A principal referência são

os Estados Unidos. Eles são o carro-chefe. Eu diria que 60% da pesquisa em Comunicação são feitos por lá. Depois há alguns países que despontam. O Brasil, por incrível que pareça, no ranking dos congressos mundiais de Ciências da Comunicação é um dos países com maior presença.

Protagonistas – *Quais desses países têm a maior média [de pesquisa]? O Brasil pode até estar à frente de países desenvolvidos...*

Marques de Mello – Está. É porque nós somos um país grande, como os Estados Unidos. Lá eles têm esse volume porque são mais de mil universidades que têm programas. Hoje, no Brasil, é quase a mesma coisa. Nós temos quase mil cursos de Comunicação no País todo. Já há mais de 50 cursos de pós-graduação só na área. E está crescendo. Somos um grande produtor, mas evidentemente não temos a legitimidade dos Estados Unidos. Porque, de modo geral, os trabalhos são publicados em português, ficam aqui mesmo, não saem. É ainda uma pesquisa muito endógena, no sentido de que ela é produzida aqui

e aqui fica. Mas, por outro lado, é uma pesquisa que contempla o exterior.

Prado – *Quem tem acesso a essas pesquisas? Porque se é um mundo muito fechado não chega ao público, não é? Não se publicam livros?*

Marques de Mello – Estão sendo publicados. O volume de livros lançados é grande. O problema é que esses livros só circulam nessas redes universitárias. O Congresso da Intercom lança anualmente cerca de cem títulos.

Prado – *Mas chegam às livrarias?*

Marques de Mello – Não existem mais livrarias nesse País. Hoje é a internet. Aliás, há pessoas hoje que não querem nem mais lançar livros. Lançam, digamos, de forma isolada e vendem diretamente. Se têm um apelo vendem bem, circulam bem.

Protagonistas – *Fora do Jornalismo, nessas outras áreas da Comunicação, quais têm uma produção acadêmica que encha os olhos?*

Marques de Mello – Eu acho que Cinema. Cinema é outra comunidade forte no País. Até porque tem muito apoio do Estado...

Protagonistas – *E Propaganda?*



José Marques de mello

Marques de Melo – Propaganda tem, mas não é pesquisa acadêmica. É pesquisa aplicada. Talvez a melhor pesquisa no País seja a de Propaganda, porque desde os anos 40, 50 se faz pesquisa de Propaganda no Brasil. Grandes empresas fazem isso. Esse conhecimento circula entre os próprios profissionais. A principal instituição da pesquisa em Propaganda no Brasil é a Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), que foi uma escola criada pelos publicitários nos anos 50.

Protagonistas – De forma incipiente, não é? Quem iria imaginar que ela iria chegar onde chegou...

Marques de Melo – Mas ela foi criada com

mais legitimidade do que as outras. Foi criada pela própria categoria, com o apoio do Pietro Maria Bardi, do Museu de Arte de São Paulo, o Masp, e surgiu com uma certa nobreza, do ponto de vista estético e artístico, sendo reconhecida pela categoria. Diferente do Jornalismo. A área acadêmica do Jornalismo não é reconhecida até agora pela profissão.

Prado – Você, agora com os seus 50 anos de experiência, diria que o caminho para se chegar à profissão de jornalista tem que passar apenas pela faculdade de Jornalismo?

Marques de Melo – Acho que não é o único caminho, mas precisa passar por lá. Não dá para ser jornalista sem estudar Jornalismo.

Prado – E nos Estados Unidos?

Marques de Melo – Nos Estados Unidos é assim há mais de cem anos.

Prado – Mas lá se pode entrar no Jornalismo sem passar pela faculdade de Jornalismo.

Marques de Melo – Pode. E acho que no mundo inteiro...

Prado – E aqui?

Marques de Melo – Aqui também pode. Há uma série de maneiras de camuflar.

Prado – Como? Comprando um diploma numa faculdade de terceira?

Marques de Melo – Não comprando um diploma... A Folha de S. Paulo contrata quantas pessoas? Não articulistas, jornalistas mesmo. Eles treinam aquela pessoa e depois pagam a multa, que é irrisória. Acho que o problema é outro. Nos Estados Unidos existem duas formas de entrar no Jornalismo: graduação ou pós-graduação. Um médico, um engenheiro, um sociólogo que quiser fazer Jornalismo vai fazer um mestrado profissionalizante. Um ano em tempo integral, de manhã, de tarde e de noite, de sábado, domingo e feriado, um ano mesmo... Não vai estudar Jornalismo, mas vai aprender como fazer notícia, uma reportagem e tudo mais. O outro caminho, que é o prefe-

“O mercado criou uma série de arestas, que vêm desde a instituição do diploma, e não se aproxima da Academia. Na verdade, criou-se uma dificuldade de parte a parte: a Academia não se aproxima do mercado e o mercado não se aproxima da Academia. Nós precisamos superar isso.”

rido pelos jovens que saem do secundário, é pelo curso de graduação. Esses dois modelos foram instituídos no começo do século passado por lá e funcionam bem. Aqui no Brasil, infelizmente, as coisas não aconteceram assim. Eu tentei em vários momentos instituir na USP um curso de pós-graduação...

Prado – Permitindo a entrada de outras profissões...

Marques de Melo – Permitindo a entrada de outras profissões. Mas isso foi bloqueado pelos sindicatos e pelas próprias empresas, que não quiseram nos apoiar naquele momento. Acho que a gente precisa superar isso. Agora, não dá para pensar que se vai formar

um jornalista em seis meses, rapidinho. Tem que passar por uma fase de maturação, como qualquer outro.

Protagonistas – São conhecidas as suas críticas ao ensino superior no Brasil, particularmente a explosão das escolas sem qualidade e dissociadas da realidade. É possível enxergar benefícios nessa explosão desqualificada no ensino superior?

Marques de Melo – Acho que sim.

Protagonistas – Quais?

Marques de Melo – Em primeiro lugar, o Brasil é um dos países com menos jovens na universidade. As estatísticas mostram que Bolívia e Paraguai, por exemplo, têm proporcionalmente mais jovens nas universidades do que o Brasil. Nós precisamos abrir chances de mais gente na universidade. Claro, universidade que tenha qualidade. Não estou pregando abrir vagas indiscriminadamente. Mas a grande vantagem, primeiro, foi permitir que

as chamadas classes subalternas tivessem acesso à universidade. Na minha geração, só as pessoas da burguesia ou da alta classe média ou aquela pequena classe média que se esforçava para mandar um filho estudar para ter ascensão social, tiveram acesso à universidade. Eu mesmo, quando fiz vestibular, disputei com uma quantidade muito grande de pessoas, porque eram poucas vagas. Hoje você tem um maior número de vagas. E aquelas pessoas sem poder aquisitivo têm suplementação do governo para estudar. O problema é que nós crescemos exponencialmente. Quer dizer, em 30 anos, isso aqui explodiu sem condições de preparar o professorado. Como é que você vai formar sem ter formadores? Estamos improvisando nessa questão. Então, beneficiou mais gente, mas o mercado, como em qualquer outro país, vai ser um fator seletivo. Ele vai escolher os melhores. Só que nem todo mundo que vai para a universidade será

“Precisaria acabar com essa arrogância de parte a parte, porque ela infelizmente existe. Mas a quem interessa a pesquisa que nós fazemos? Se não interessar para o mercado, vai interessar a quem?”

profissional. Veja o caso de Estados Unidos e Inglaterra, onde quem faz a universidade se forma cidadão. Alguns ficam na sua profissão e outros adquirem conhecimento. A universidade é para formar cidadãos e não necessariamente profissionais. Nesse sentido, considero benéfica essa expansão. O que é maléfico é não haver por parte do Estado uma arbitragem permanente ou mais constante para separar o joio do trigo. Acho que uma padaria que fornece pães sem qualidade deveria ser fechada, da mesma maneira um hotel que não tem condições mínimas de higiene. A mesma coisa uma faculdade que não forma adequadamente. Precisaria ser controlada e fiscalizada. Mas temos um sistema aqui leniente, que deixa as coisas irem acontecendo e acontecendo e não acontece nada. Precisaria de um cataclismo, um protesto generalizado, para haver uma intervenção.

Prado – O argumento de que estão formando cidadãos não dá a essas faculdades a justificativa que precisam para continuarem a não ter nenhuma qualidade?

Marques de Melo – Cidadão é o que se forma na universidade de uma maneira geral. E

nem sempre essas que formam maus profissionais, sem qualidade, são também aquelas que formam maus cidadãos, que forma pessoas sem, digamos, estrutura ética...

Prado – Formam o quê, então?

Marques de Melo – Nada. Formam na verdade bacharéis e diplomados. O que antigamente tinha até algum valor...

Protagonistas – Não ia pra cadeia...

Marques de Melo – Está acabando agora. Vai perder uma razão de ser...

Prado – Outra coisa é o concurso público, que você não mencionou como justificativa para a regulamentação dessas profissões. Porque os funcionários públicos são os maiores defensores dessas reservas de mercado de relações públicas, jornalistas e lutam contra o rompimento dessa situação do diploma, justamente porque...

Marques de Melo – Não é só na área de Relações Públicas ou Jornalismo. É em todas as profissões.

Prado – Concurso público, diplomas, títulos...

Marques de Melo – O Brasil é um país cartorial e instituiu alguma coisa que veio da legislação italiana de Mussolini [Benito], as corpo-

rações profissionais – e tem todas. Eu sou francamente anticorporativista, mas em todas as profissões; não posso aceitar que só o Jornalismo deva ser descorporativizado. Mas essa sua observação é interessante porque no caso do Jornalismo essa questão do serviço público sempre foi prejudicial. Por exemplo, quando eu estudei Jornalismo, o curso tinha duração de três anos. Na minha opinião, não precisa mais do que isso. Três anos são suficientes para você aprender o que é necessário para ser jornalista. Não estou dizendo que no meu tempo era melhor, mas eu estudei todas as perguntas do Jornalismo, todos os processos, todas as teorias – impresso, radiofônico, televisionado – e estudei cultura geral, como História Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea, História do Brasil, Literatura, Política, Economia... Tive um curso de cultura geral que me deu capacidade de avaliar o que acontece no mundo contemporâneo. Em três anos nós fazíamos isso. Quando eu estava no terceiro ano, mudou a regulamentação e passou para quatro anos. Por quê? Porque exatamente no serviço público se estabeleceu uma mudança de remuneração em função dos anos cur-





José Marques de Mello

sados: para os que tinham três anos, a remuneração era menor do que para os que tinham quatro ou cinco anos. Por isso aumentaram, e não só o Jornalismo, como várias outras, para ter quatro anos. Isso tem sido uma influência negativa. E hoje não podemos deixar de reconhecer que boa parte da categoria dos jornalistas trabalha no serviço público.

Prado – *Exatamente. Os maiores defensores dos cartórios...*

Marques de Mello – Não sei se eles são os maiores defensores. Acho que os maiores defensores são os sindicatos...

Protagonistas – *Recentemente, a convite do Ministério da Educação, o senhor presidiu a Comissão de Especialistas de Ensino em Jornalismo para subsidiar o MEC na revisão das diretrizes curriculares do curso de Jornalismo. Já da para antecipar algumas das conclusões e propostas que estão sendo encaminhadas ao Governo?*

Marques de Mello – Veja, dá para antecipar porque nós não estamos trabalhando secretamente. Posto que quando o ministro [Fernando Haddad] me convidou para essa função, eu hesitei muito, dizendo a ele que já havia

colaborado com o Estado durante muitos anos, desde que fui anistiado, de 79 para cá, em atividades dessa natureza e muitas delas se frustraram. Nós fazíamos os estudos e quando chegava o momento de serem encaminhados eram simplesmente engavetados. Estamos esperando que desta vez seja diferente. E o ministro tem o compromisso de encaminhar isso o mais rapidamente possível. Eu disse a ele que só ia presidir se tivesse a oportunidade de ouvir a sociedade. Chegou o momento em que não dá mais para vir aqui um grupo de acadêmicos para trazer mais propostas que só interessam à Academia. O Jornalismo só tem sentido se interessar à sociedade. Nós fizemos três audiências públicas e

ouvimos diferentes setores. E foi daí que surgiram propostas para a Comissão trabalhar. Por outro lado, também, estamos estudando diretrizes curriculares. Não estamos trabalhando currículo mínimo ou grade curricular. Não vamos fazer camisa-de-força. Vamos traçar linhas gerais, partindo do princípio de quais competências o jornalista deve ter hoje – que são competências mais ou menos óbvias no mundo contemporâneo – e que tipo de conhecimento ele precisa para ter essas competências. As recomendações são mais ou menos consensuais. Elas não trazem grandes novidades, grandes alterações de rumo. Já existem algumas diretrizes que estão em vigor e simplesmente vamos adaptar o que está

“Eu tentei em vários momentos instituir na USP um curso de pós-graduação permitindo a entrada de outras profissões. Mas isso foi bloqueado pelos sindicatos e pelas próprias empresas, que não quiseram nos apoiar naquele momento. Acho que a gente precisa superar isso.”

aí. A grande vantagem que temos no País é que a legislação pós-ditatorial garantiu autonomia às universidades e liberdade curricular para as instituições. Não dá para ter no Brasil um curso de Jornalismo que seja o mesmo no País inteiro. E hoje é assim. Se você for estudar na Cásper Líbero, no curso da Famec do Rio Grande do Sul, na PUC do Recife, Federal do Piauí, são todos iguais. O que nós precisaríamos era que, na verdade, cada instituição tivesse um ensino de Jornalismo, de Relações Públicas ou de História, sintonizado com as características regionais, já que eles vão trabalhar em um determinado mercado, onde a universidade está localizada. Mas aí perguntam: “O mundo não é globalizado?” Eu respondo que o jornalista vai trabalhar no mundo, mas o mundo começa lá na aldeia. Se ele não for capaz de se locomover na sua aldeia, não terá condições de palmilhar o mundo. E digo isso por experiência própria. Venho de uma pequena cidade do interior. Comecei como jornalista de província, do interior, de comunidade. E cobrir a comunidade significa uma competência para entender como é que se dá o conjunto de conflitos que geram as notícias.

Prado – *Você é de que cidade?*

Marques de Mello – Primeiro, vamos esclare-

cer isso bem porque há um certo conflito na minha região. Eu sou natural de Palmeira dos Índios [Alagoas].

Prado – *Área perigosa para jornalistas, não?*

Marques de Mello – Não é tão perigosa não. Mas me criei numa cidade, Santana de Ipanema, que, esta sim, talvez seja mais perigosa. Porque Palmeira dos Índios está na fronteira entre o agreste e o sertão. Santana de Ipanema, onde meus pais viveram, está no sertão de Alagoas.

Prado – *Seus pais faziam o quê?*

Marques de Mello – Meu pai era comerciante. Ele trabalhava com secos e molhados. De modo geral, ele comprava produtos na zona rural, levava para os atravessadores. Ao mesmo tempo, trazia produtos da capital, ia muito a Recife, tinha o porto lá em Maceió, e abastecia o interior.

Prado – *Qual foi o primeiro contato com o Jornalismo lá na sua cidade?*

Marques de Mello – Primeiro, meu pai era um sujeito bem informado. Até porque ele viajava muito – eu via meu pai uma vez por semana, porque ele vivia viajando. Ele se informava, tinha assinaturas de jornais em casa. Eram um jornal de Pernambuco, um de Alagoas e eventualmente um do Rio de Janeiro – Correio da Manhã, Diário de Notícias ou Tribu-

na da Imprensa. E meu pai gostava muito de rádio. Ele tinha um dos poucos rádios potentes da cidade. Eu me criei em um clã que era abastecido por notícias, além de ser de uma família que era muito envolvida com a política local. A notícia nos interessava, até porque meus tios, primos e parentes todos viviam metidos na política local e precisávamos saber o que estava se passando no Rio de Janeiro – morte de Getúlio [Vargas], e isso mais aquilo, a mudança em Alagoas: Arnon Afonso de Mello toma posse como governador, Silvestre Péricles... Eu me criei nesse mundo de política e de informação e, evidentemente, isso vai penetrando no sangue. Já na escola primária, os professores diziam para minha mãe que eu tinha facilidade para escrever.

Protagonistas – *E isso ficou na cabeça?*

Marques de Mello – Fiquei com aquilo na cabeça. Depois comecei a fazer redações que eram bem avaliadas pelas professoras, até que, aos 15 anos, fui à Gazeta de Alagoas e me propus a ser correspondente lá na minha cidade, Santana de Ipanema.

Protagonistas – *Já com salário? Ganhava um dinheirinho?*

Marques de Mello – Ganhava migalhas. Naquele tempo se ganhava um *jeton*... [Nota da

Redação: o termo, de origem francesa, é utilizado para designar a remuneração que integrantes de Conselhos de Administração de empresas recebem por reunião de que participam e que parlamentares – federais, estaduais ou municipais – ganham por sessão extra a que comparecem; genericamente, pode ser classificado como bônus ou bonificação)

Protagonistas – *Jeton naquela época era uma coisa boa...*

Marques de Mello – *Jeton era uma boa. Jornalistas viviam de jeton. Não sei se os mais jovens sabem disso. Até 1964, todo jornalista tinha um salário mínimo na Redação. O salá-*

rio propriamente vinha do *jeton* que recebia de Câmara dos Deputados, Câmara dos Vereadores, Associação Comercial, sindicatos, que ele cobria...

Protagonistas – *Tinha também passagem aérea de graça, não pagava Imposto de Renda, entrava de graça em espetáculos...*

Prado – *Era uma forma de corrupção, não? Existe ainda hoje o jeton, de uma forma mais sofisticada?*

Marques de Mello – Eu acho que isso foi reduzido quando instituímos no Brasil empresas jornalísticas que passaram a contratar o jornalista em tempo integral, pagando um salá-

rio digno. Eu diria que isso muda com a Editora Abril, que foi um divisor de águas no Jornalismo brasileiro. Depois vêm Estadão, Folha e as outras empresas.

Protagonistas – *Editora Abril?*

Marques de Mello – Sem dúvida. Foi a primeira editora que veio em modos americanos profissionalizar... Tanto que todo mundo queria trabalhar na Abril. Eu mesmo, quando vim para São Paulo, o primeiro teste que fiz foi lá. Vários amigos já estavam aqui, como Milton Coelho da Graça e outros. Por pouco não trabalhei na Abril também.

Protagonistas – *Sabemos que o Jornalismo é um mercado que tem crescido pouco. O que leva os jovens a terem esse fascínio pelo Jornalismo, a ponto de não enxergarem essa realidade e escolherem uma carreira que talvez não lhes deem uma única chance na vida, tamanha a diferença entre oferta e demanda?*

Marques de Mello – Bom, o Jornalismo não é uma coisa material. Na realidade, é uma coisa espiritual, quer dizer, o contato com os acontecimentos que você está presenciando e transformando em mensagens que vão ser

“Acho que uma padaria que fornece pães sem qualidade deveria ser fechada, da mesma maneira um hotel que não tem condições mínimas de higiene. A mesma coisa uma faculdade que não forma adequadamente. Precisaria ser controlada e fiscalizada. Mas temos um sistema aqui leniente, que deixa as coisas irem acontecendo e acontecendo e não acontece nada.”



José Marques de mello

difundidas. Isso é uma coisa que fascina qualquer pessoa.

Protagonistas – *É um estado de espírito?*

Marques de Melo – É um estado de espírito e ao mesmo tempo uma capacidade de fazer parte do mundo. O jornalista vive o mundo e não no mundo. Essa é a diferença. Mas eu discordo um pouco de que não exista chance de ocupação. Eu acho que é crescente.

Prado – *Empregos você diz?*

Marques de Melo – Empregos e oportunidades de serviço.

Protagonistas – *Eles se abrem, muitas vezes, fora da área...*

Marques de Melo – É que a área mudou. A área não é só o jornal. O Jornalismo é uma atividade que hoje se exerce dos dois lados do balcão. Por exemplo: assessoria de imprensa.

Prado – *Mas isso é Jornalismo?*

Marques de Melo – Isso é Jornalismo, só que do outro lado do balcão.

Prado – *Se é do outro lado do balcão, não é Jornalismo. O Jornalismo é voltado para a comunidade. Se você está defendendo os interesses de uma empresa, então não é Jornalismo. É Relações Públicas, é lobby...*

Marques de Melo – Não, não, é outra coisa!

mocracia não existia no País. Ela está sendo pouco a pouco cultivada. Numa sociedade democrática, é legítimo que as fontes estejam preocupadas em aparecer bem na imprensa.

Prado – *Para sobreviver eles têm que aparecer bem, senão, se aparecer mal na imprensa, uma empresa pode até fechar.*

Marques de Melo – Ela pode aparecer mal se não souber fazer essa mediação. Eu acho que, hoje, os assessores de imprensa no Brasil são profissionais com muita capacidade de trabalho e ao mesmo tempo muita criatividade e não são corruptos.

Prado – *E defendem um interesse que é do patrão deles.*

Marques de Melo – Defendem um interesse, mas não é a mesma coisa que um publicitário ou um relações públicas. O jornalista, na verdade, trabalha bem para a empresa se ele

O Brasil conseguiu desenvolver um modelo de atividade profissional na assessoria de imprensa que é correto, digno e de muita utilidade. Por quê? Porque os jornalistas que trabalham hoje em dia nas assessorias de imprensa não praticam mais aquilo que faziam os jornalistas do tempo do *jeton*. Naquele tempo o que ocorria? Você era setorista de um jornal e o seu salário era pago pela fonte e você fazia direto aquele serviço de correia de transmissão. Hoje em dia, um jornalista vai apurar. Só que quando ele chega na fonte, esta já tem outro jornalista que facilita o trabalho de coleta de dados. Durante os primeiros tempos ficou muito difícil essa separação, esse entendimento. E talvez tenha sido útil o fato de que os relações públicas no Brasil não quiseram assumir essa questão da assessoria de imprensa. Na verdade, eles se colocaram numa

posição de deixar isso para o mercado. Por que nos Estados Unidos quem faz isso são relações públicas, mas aqui não. Esse mercado foi desocupado pelos relações públicas e ocupado pelos jornalistas com muita competência. Hoje em dia, o Jornalismo é basicamente acionado pelas fontes.

Prado – *Mas isso redesenha o Jornalismo. Na medida em que a fonte é que provoca o jornalista, não é mais o jornalista nem o editor quem vai decidir...*

Marques de Melo – É uma ilusão achar que é o editor quem decide. Na nossa geração se criou essa ilusão de que é o editor quem decide. As decisões são tomadas de uma maneira muito complexa.

Protagonistas – *Ele tem que cumprir uma agenda, não é?*

Marques de Melo – O problema é que a de-

“O Jornalismo não é uma coisa material. Na realidade, é uma coisa espiritual, quer dizer, o contato com os acontecimentos que você está presenciando e transformando em mensagens que vão ser difundidas. Isso é uma coisa que fascina qualquer pessoa.”

informar bem. Se ele mantiver o seu mediador, que é o jornalista, bem munido de informações.

Protagonistas – *Esse modelo é meio próprio...*

Marques de Melo – É uma invenção brasileira...

Prado – *Isso é complicado, porque se você vê o cenário da mídia, com as dificuldades de trabalho, as poucas oportunidades e os salários baixos, nós voltamos ao jeton, mas um jeton com um nome mais sofisticado. Quando um jornalista, por exemplo, aceita um convite de uma assessoria de imprensa para uma palestra dentro de uma empresa ou quando ele aceita um free-lancer para uma determinada empresa, não é uma forma de envolvimento desse profissional que está na Redação através de um jeton?*

Marques de Melo – Acho que não. Acho que se o jornalista for ético...

Prado – *Ele pode fazer uma matéria na empresa e depois escrever a respeito dessa empresa?*

Marques de Melo – Escrever com independência. Não é o fato dele ter ganho um jantar ou uma viagem...

Prado – *Os americanos não aceitam isso. Os grandes jornais americanos.*

Marques de Melo – Pois é, mas no caso brasileiro temos uma cultura diferente. Se a gente não aceita, a gente está ofendendo, entendeu? É a questão do presentinho: você vai recusar um presente de um vizinho seu? É outra maneira de se conduzir que nós temos na sociedade brasileira. Não é isso que faz o jornalista ser mais ou menos corrupto. Ele será corrupto se for um cidadão corrupto.

Protagonistas – *De qualquer modo, no jornal ele não vai fazer o que ele quer. Ele vai ter que seguir uma linha editorial, pode ter as opiniões pessoais dele, mas não pode fugir da linha editorial do veículo no qual trabalha. Às vezes até vai ter que fazer matérias com as quais pessoalmente não concorda.*

Marques de Melo – Mas é difícil. Quando não concorda, não faz. Ele tem que ser a mesma pessoa de um lado do balcão e do outro também. Não vai cobrir uma coisa porque rece-

“[O assessor de imprensa] Defende um interesse mas não é a mesma coisa que um publicitário ou um relações públicas. O jornalista, na verdade, trabalha bem para a empresa se ele informar bem. Se ele mantiver o seu mediador, que é o jornalista, bem munido de informações.”

beu uma orientação do seu editor, contrariando completamente o ângulo de apuração que ele defendeu. Tem que ser fiel à verdade, aos fatos que presenciou. Isso significa o quê? Que ele deve abastecer o seu leitor com múltiplas informações de múltiplas fontes, porque quem vai decidir é o leitor, o telespectador.

Protagonistas – *Voltando à questão das oportunidades, obviamente que os jornalistas encontram muitas oportunidades em várias áreas. Mas no Jornalismo o que acontece é que na imensa maioria dos casos os alunos estudam para trabalhar em Redação e muitas vezes não conseguem ter uma única oportunidade.*

Prado – *Encontram oportunidades em outros locais. Mas no Brasil começou tarde esse negócio de jornalistas assumirem outras funções. Começou mais tarde porque nos Estados Unidos e na Europa jornalistas já ocupavam cargos de direção de empresas.*

Marques de Melo – Eu acho que no Brasil começou cedo, porque Hipólito da Costa já era alguém que recebia subsídios para fazer Jornalismo. Max Weber [filósofo alemão], estudando esse fenômeno, dizia o seguinte: “O

Jornalismo é a chamada teoria da escada: são poucos os que têm vocação e não sobem a escada; mas os que sobem passam para a política ou para as empresas.” Então, é uma tentação que existe em muitas outras sociedades. Os jornalistas que têm vocação permanecem na atividade.

Protagonistas – *É uma coisa meio sacerdotal, não é?*

Marques de Melo – Quando eles sobem, se afastam, não voltam mais para as redações.

Protagonistas – *Voltando à questão dos práticos. Os jornalistas brasileiros saem das universidades, vão para o mercado e viram práticos. Ou seja, eles não voltam mais para a universidade. É a questão dos cursos de treinamento dos grandes veículos que buscam os talentos no mercado, treinam-nos e depois, na medida do possível e do interesse, ficam com eles.*

Marques de Melo – Mas isso aconteceu com todas as outras profissões. Na verdade se dá muita atenção para esses cursos da Abril, da Globo. Toda empresa é assim.

Protagonistas – *Mas nas outras atividades há o estágio, que permite...*

Marques de Melo – Pois é, o Jornalismo é a única carreira no Brasil em que é proibido o estágio. O engenheiro faz isso normalmente. Ele é admitido nas empresas e estagia.

Protagonistas – *Nós vamos conseguir voltar com isso?*

Marques de Melo – Na verdade o estágio é uma farsa. Todo mundo faz. Sindicato fala... É um absurdo isso.

Prado – *Não pode, mas faz. Você acha que deveria regulamentar o estágio?*

Marques de Melo – Deveria liberar. Se puder regulamentar, melhor ainda. Aliás, já está regulamentado porque o presidente da República baixou uma legislação sobre estágio que protege o estagiário. Os jornalistas passaram quantos anos desde a regulamentação da profissão? 40 anos? E com o estágio proibido há 30, 35 anos. São as maiores aberrações que nós temos na história do Brasil. E, portanto, criou essa esquizofrenia nos cursos de Jornalismo. Os alunos entram nos cursos, não têm oportunidade de ir ao mercado e quando entram é por debaixo dos panos e não querem mais voltar para a universidade. Eu, quando assumi a direção do curso de Jornalismo da



José Marques de Mello

ECA sempre estimei. “Vocês têm que fazer estágio desde o primeiro ano. Se tiverem chance, têm que fazer”. E a nossa função na universidade era verificar o que se estava vendo lá e se nós estávamos defasados aqui, com o resultado da metodologia. É claro que nem todos os professores de Jornalismo gostam disso. Preferem receber a confirmação de que o que estão dando na aula está correto. Mas quando não está, têm que mudar.

Protagonistas – Olhando para a sua trajetória de 50 anos, que comparação faria das várias gerações de jornalistas que viu nascer e que, de certo modo, ajudou a formar?

Marques de Mello – Bom, como o Prado estava dizendo há pouco, nós somos de uma geração em que o jornalista era muito aguerriado. Porque nós tínhamos uma grande oposição que era o regime militar...

Protagonistas – Desculpe, o senhor tem quantos anos?

Marques de Mello – Tenho 66. Eu comecei no Jornalismo muito jovem, com 15 anos. Então, ainda me considero jovem. Espero ter mais tempo ainda para...

Prado – Mais 60...

Marques de Mello – Pelo menos. Se for como

a minha bisavó, que morreu com 106 anos... (risos) Não sei se chegaria a tanto...

Prado – Quem sabe não ultrapassa a sua bisavó?

Marques de Mello – Mas, hoje, como não existe mais um inimigo como a ditadura, cria-se uma certa inércia. As gerações que estão na faculdade não têm muito *élan*, muito entusiasmo.

Prado – Quer dizer que o Jornalismo precisa de um inimigo para poder batalhar, não é? (risos)

Marques de Mello – Acho que toda sociedade precisa ter algum lenitivo, alguma razão de ser. Tudo isso coincidiu com a queda do Muro de Berlim [1989]. Não sabíamos para onde iríamos.

“As mulheres, na verdade, lutaram para ocupar esse espaço [no Jornalismo]. Eu via isso nas salas de aula na USP e na Metodista. Elas sabiam que iam disputar o mercado com os homens. E se esforçavam muito mais do que eles. Isso é um fator favorável para a ascensão da mulher.”

Marques de Mello – Temos duas coisas aí: a euforia tecnológica e a tecnofobia. Há muitas universidades em que ainda predomina a tecnofobia. São profissionais mais antigos, desacostumados com as novas tecnologias e que temem qualquer mudança. Eu acompanhei na própria ECA essa questão de tecnofobia. Quando chegaram lá os computadores, passamos por uma fase intermediária, que eram aquelas máquinas elétricas. Quando tive oportunidade, consegui uma verba para comprar máquinas elétricas para o laboratório. Os alunos logo se familiarizaram, mas os professores reclamaram. Alguns falaram: “Cadê a minha Olivetti Lettera 22?” Tive que mandar buscar no almoxarifado. É a mesma coisa com os computadores. Quando os computadores chegaram às redações surpreenderam uma geração inteira. Eles atropelaram. Por outro lado, o que vejo hoje é uma euforia tecnológica. Você vai em qualquer faculdade de Comunicação desse País e só se fala de internet. E isso tudo é uma ilusão porque os processos jornalísticos continuam sendo os mesmos. A apuração dos fatos que estão acontecendo... E eles vão tendo suportes ou roupagens que a tecnologia vai ajudando a melhorar. Às vezes, um produto é de pior qualidade porque não tem a boa informação. As pessoas se iludem com a aparência, com as possibilidades

que a tecnologia oferece. Uma das melhores coisas que a internet oferece é a possibilidade de você fazer com hipertexto uma série de complementações. E não é quase usado. Para ter o hipertexto precisaria de mais informação, interpretação e detalhes dos acontecimentos.

Protagonistas – Para poder usar, não é?

Marques de Mello – Para poder usar, não adianta só ter. E há o fato de captar imagem e som. Você fica perdido. Às vezes eu vou acompanhar certas experiências na internet e vejo que não há tratamento da informação. A informação é bruta. O usuário fica completamente sem condições de avaliar o que está ali.

Protagonistas – O que assusta também é que se está escrevendo cada vez pior.

Marques de Mello – Mas isso tem a ver com a formação básica. Eu, por exemplo, na época em que estudei, nos anos 1950, havia uma escola primária e na secundária um aperfeiçoamento que nos fazia chegar à faculdade dominando a língua.

Protagonistas – Tinha que cumprir.

Marques de Mello – Tinha que cumprir. Hoje, os professores do ciclo básico, 1º e 2º graus, não forçam o aluno a escrever. E eles chegam à universidade, em todas as áreas, sem saber se comunicar em língua portuguesa.

Protagonistas – Precisa de um contraponto. Na época, ou era comunista ou era contra.

Marques de Mello – Não digo todos, mas alguns eram comunistas e outros eram contra. Mas pelo menos tínhamos o socialismo como uma meta. Hoje, o que existe? Há, na verdade, uma sociedade capitalista cruel e desumana e não existe alternativa.

Protagonistas – Em relação às novas gerações, as que estão saindo da universidade para o mercado, sob o impacto das novas e revolucionárias tecnologias – e que dentro de alguns anos estarão no comando da nossa atividade –, que análise é possível fazer? Com elas, a gente estará injetando na atividade de Comunicação uma nova seiva comunicacional?

Prado – Mas mesmo na ECA, em que a peineira é muito fina... Há centenas de faculdades de Comunicação no Brasil, mas evidentemente o funil é a ECA-USP. Presume-se que a nata desses jovens que saem do curso médio entre na ECA, não é?

Marques de Mello – Sem dúvida. Os melhores alunos da USP são da ECA.

Prado – E os melhores alunos de Jornalismo presumo que sejam da ECA também, não?

Marques de Mello – Sem dúvida, mas com o mesmo problema de redação. Sobre tudo porque esses da ECA, no período em que eu dirigia o Departamento de Jornalismo, muitos vinham da Engenharia.

Prado – Como?! Estudantes de Engenharia?!

Marques de Mello – Estudantes de Engenharia. Como no vestibular era necessário saber muita matemática, eles iam bem em matérias de Exatas. E depois havia uma migração da Poli para a ECA, porque na USP não é possível fazer duas faculdades ao mesmo tempo. Ou seja, eles entravam na Poli, não gostavam, se mudavam para a ECA para fazer Jornalismo e passavam na frente dos outros. (risos) Eu tive que criar um laboratório de redação para recuperar a capacidade de escrever de vários desses alunos.

Prado – E resolveu o problema?

Marques de Mello – Resolveu, porque nós também tínhamos lá alguns professores que trabalhavam com texto jornalístico e criação.

Prado – E continua esse sistema de ingresso distorcido?

Marques de Mello – Não sei, porque me aposentei e não acompanho essa questão da ECA.

Protagonistas – Professor, vamos entrar por outra vertente. Nessas cinco décadas, o senhor viu o Jornalismo se transformar de uma atividade predominantemente masculina, em uma atividade na qual, já há alguns anos, há um domínio feminino. Além da alegria de ver o toque feminino em um ambiente editorial, que outras contribuições a presença das mulheres trouxe para o Jornalismo?

Marques de Mello – Primeiro, a questão da

igualdade. Nós tínhamos uma atividade, uma profissão machista, em que as mulheres eram isoladas. Considero salutar o fato de termos igualdade, dar oportunidades iguais para todos os seres humanos. No caso do Jornalismo, o que aconteceu com a presença da mulher tem a ver com um certo abrutamento das condições de trabalho. Não é só no caso do Jornalismo. Na Educação, a maioria dos professores são mulheres. Tive oportunidade de fazer algumas observações sobre essa ascensão da mulher no mercado do Jornalismo. Pegue uma faculdade como a Cásper Líbero, que foi a primeira do Brasil; as primeiras turmas tinham muitas mulheres. Em dez anos, elas eram a maioria. Foi aumentando aos pouquinhos. Por quê? Porque o Jornalismo é uma

escapatória, primeiro, para a ascensão social. Jovens das classes subalternas podiam ter ascensão social por meio do Jornalismo. E, ao mesmo tempo, libertação da estrutura de dominação familiar. As mulheres, na verdade, eram preparadas para certas profissões que eram ligadas ao feminino. E, no começo, quais eram as oportunidades que se abriam para as mulheres no Jornalismo? Eu inclusive tive a oportunidade de fazer uma pesquisa quando a Cásper Líbero completou 20 anos, com alunos formados de turmas anteriores, e boa parte daquelas que tiveram espaço nos veículos foi na página feminina. Depois, aos pouquinhos, foram alcançando espaços maiores. E isso tem a ver também um pouco com o período militar, quando muitas redações passaram a adotar a mulher como, digamos, uma forma de penetrar em certas fontes que eram absolutamente fechadas para os homens. Por exemplo, você mandava um repórter cobrir o II Exército. De um modo geral, ele já encontrava aquela cara feia ali. E com a mulher isso era diferente. Algumas dão testemunho de que era difícil conseguir certa informação, mas o general as tratava como filhas, sobrinhas,

“Um jornalista que não tem o hábito de ler constantemente e não cultiva isso acaba ficando embotado. (...) Pela leitura você tem capacidade de abstração. Você lê, para, reflete e volta à leitura. (...) A leitura continua sendo fundamental para o jornalista abstrair a realidade e ir ao cerne da informação, do fato como ele é, e não das suas aparências.”



José Marques de mello

com uma certa deferência, que não daria para o homem. O homem mandaria logo para outro nível. (risos)

Prado – E tem a questão do salário também, não é? Porque o homem, como chefe da família, não poderia ser repórter ganhando um salário que não lhe permitisse constituir uma família. A mulher acabava tendo um salário para complementar a renda familiar.

Marques de Mello – As mulheres, na verdade, lutaram para ocupar esse espaço. Eu via isso nas salas de aula na USP e na Metodista. Elas sabiam que iam disputar o mercado com os homens. E se esforçavam muito mais do que eles. Isso é um fator favorável para a ascensão da mulher.

Protagonistas – Um outro aspecto que gostaríamos de abordar é a questão da leitura. De um modo geral, se tem uma queda visível no hábito de leitura das novas gerações, sobretudo dos meios impressos. Ler jornais, revistas, livros e outros periódicos, coisas a que as gerações anteriores se acostumaram. Isso pode trazer consequências concretas para a ciência da Comunicação, para estudos, pesquisas, hábitos da sociedade de consumir informação?

Marques de Mello – Temos que levar em consideração que as fontes de informação não são só mais fontes impressas. Muitas vezes a pessoa se informa muito mais pelo cinema, pela televisão, pela imagem e pelo som do

que pela letra impressa. Mas, sem dúvida, um jornalista que não tem o hábito de ler constantemente e não cultiva isso acaba ficando embotado. Já dizia Marshall McLuhan ser a leitura um estimulante civilizatório. Pela leitura você tem capacidade de abstração. Você lê, para, reflete e volta à leitura. Coisa que não acontece com a informação via oral, pelo rádio e pela televisão, onde não há tempo para refletir. É muito volume que passa e vai desaparecendo. A leitura continua sendo fundamental para o jornalista abstrair a realidade e ir ao cerne da informação, do fato como ele é, e não das suas aparências.

Protagonistas – E para a sociedade? Por exemplo, quem consome essa informação está mudando os hábitos, de um modo geral. E isso obriga as empresas a se adequarem à demanda do mercado. Pode haver mudanças aí? Estaríamos a caminho de uma evolução, de um novo jeito de fazer Jornalismo no planeta? Vamos ter que repensar o saber jornalístico ou isso é uma bobagem?

Marques de Mello – Não é uma bobagem, não. Na verdade, continuamos tendo um divisor de águas... Nas sociedades que são de-

“O jornalista, durante muitos anos, e ainda tem resquícios disso, não queria pôr a mão na massa. A Redação é uma fortaleza e ele não quer saber o que acontece na Publicidade. Mas deveria tomar conhecimento porque é ela que paga o seu salário. Sem publicidade não existe jornal.”

mocráticas e que asseguram a capacidade de cognição para todos os cidadãos... Ou seja, você pega os países ricos, eles educam suas crianças, seus jovens, todos pela escola. Isso leva a entender que o cidadão que passa pela escola, que aprende a ler, que aprende a usar a cultura instituída pela sociedade, tem capacidade de ensinar algo mais do que o que lhe é oferecido. No caso de uma sociedade como a nossa, que antigamente era chamada de subdesenvolvida ou em estado de desenvolvimento, a grande maioria sequer passa pela escola. É excluída da escola. Essa massa não tem capacidade de abstração. Para resolvermos esse problema precisamos dar educação de boa qualidade para todos. Aí passaremos a ter uma sociedade que vai demandar outro tipo de informação. Hoje temos uma grande maioria que demanda uma informação mais superficial porque ela não tem capacidade de assimilar a mais profunda.

Prado – Nem tempo, não é?

Marques de Mello – Nem tempo nem tesão para isso. Fica na superfície. É mais fácil você ver um videoclipe do que ler uma revista especializada.

Prado – E, nesse cenário, como vão ficar os jornais tradicionais? Todos eles estão em crise, não é? Você vê o *The New York Times* sem saber para que lado vai, com dificuldades eco-

nômicas, trazendo o Carlos Slim [empresário mexicano] para colocar dinheiro. A *Gazeta Mercantil* fechou, o *Jornal do Brasil* não é mais “aquele”. Esses jornais vão fechar? O que vai acontecer com os jornalões?

Marques de Mello – Não vão fechar, mas os jornalões devem encontrar uma nova fisionomia...

Prado – E qual é ela?

Marques de Mello – Os jornais deveriam ter feito a mesma coisa que se fez nos Estados Unidos quando surgiu o rádio. Em 1920, quando surgiu o rádio, era essa mesma lenga-lenga de que os jornais iriam desaparecer. O que os donos dos jornais fizeram? Contrataram o escritório de pesquisas sociais aplicadas da Universidade de Columbia, dirigido por Paul Lazarsfeld, e confiaram a ele uma grande pesquisa. Investiram na pesquisa. Ele realizou um estudo prolongado durante alguns anos e fez o seguinte prognóstico: “Não vai mudar nada.

O que precisa é cada um encontrar o seu espaço”. Ele chegou onde chegou pela seguinte conclusão: quem usa os meios de comunicação, usa todos. Ou você usa todos ou não usa nenhum. É a chamada “lei de todos ou nenhum”. O jornal não mais poderia fazer um Jornalismo tipicamente informativo como estava fazendo o rádio. Precisava ter algo mais. Continua hoje a mesma coisa.

Prado – O que fazer então? Alguns jornais já estão descobrindo o caminho?

Marques de Mello – Acho que alguns jornais europeus e alguns jornais americanos estão procurando atender mais aos públicos segmentados. Porque não há mais espaço para um jornal como o *New York Times*, porque ele é um jornal de elite e vai continuar atendendo a uma elite.

Prado – As circulações vão diminuir?

Marques de Mello – Sim, mas podem ser sustentadas se houver segmentação. Já no

“Nossa categoria é arrogante. Ela acha que sabe tudo, que tem a verdade. E não está preocupada em dialogar com o seu público. Ela quer, na verdade, fazer a cabeça do público.”

início do século passado, o próprio Pulitzer, nos Estados Unidos, chegou à conclusão de que não poderia ter mais um jornal para toda a comunidade. Dividiu-o em editorias e as editorias já eram encaminhadas para atender, digamos, a quem trabalha com economia, política, cultura. Esse modelo precisa ser aprofundado.

Protagonistas – A universidade tem caminhos para estudar isso junto com o mercado ou entra naquele hiato?

Marques de Mello – Nos Estados Unidos e em outros países está sendo feito...

Protagonistas – Aqui não?

Marques de Mello – Aqui não. Aqui ainda há um divórcio entre Academia e o mercado. A Academia não presta atenção ao mercado; aliás, tem uma certa rejeição...

Protagonistas – Lá atrás, em 1920, os grandes veículos contratavam uma pesquisa por anos para fazer esse trabalho, que envolvia a universidade. Hoje estamos, de novo, diante de um dilema parecido.

Prado – Se falarmos no mercado, a faculdade de Comunicação deveria estar conversando

com a faculdade de Administração de Empresas para saber como é que se administra uma empresa jornalística.

Marques de Mello – Ninguém pratica a interdisciplinaridade.

Protagonistas – Isso tem a ver com a sustentabilidade no negócio da Comunicação, não é? Porque se a publicidade entra em crise...

Prado – Na verdade, a publicidade migra, não é?

Marques de Mello – Tem a ver com a ideologia do Jornalismo no Brasil. O jornalista, durante muitos anos e ainda tem resquícios disso, não queria pôr a mão na massa. A Redação é uma fortaleza e ele não quer saber o que acontece na Publicidade. Mas deveria tomar conhecimento porque é ela que paga o seu salário. Sem publicidade não existe jornal.

Protagonistas – A verdade é que por essas e outras temos visto crescer o número de leitores na internet, em detrimento de maior expansão do Jornalismo impresso...

Marques de Mello – Isso aconteceu porque, pouco a pouco, o marketing foi tomando conta dos jornais e a direção deles passou a ser

dada por engenheiros e tecnocratas, e não pelos jornalistas.

Protagonistas – O senhor acha que precisa ser repensada essa relação Igreja-Estado dentro do Jornalismo, que sempre foi um dogma na nossa geração? “Redação é uma coisa e Comercial é outra”

Prado – Jornalista não tem que se meter na área Comercial mesmo...

Marques de Mello – Não se meter, mas ele precisa ter conhecimento, tem que participar. Ele não pode ser alguém que desconheça...

Protagonistas – Na gestão, precisa ter o olhar jornalístico também.

Marques de Mello – De um modo geral, os estudantes de Jornalismo têm pouca apetência para buscar as cadeiras de Administração, que são consideradas um mal necessário. E, ao mesmo tempo, não têm bons professores. Não se formou uma categoria capaz de dar conta do recado.

Prado – É porque o jornalista não sabe quem é o cliente dele. Alguém que escreve uma matéria não deveria saber o que quer aquele



José Marques de Mello

sujeito que vai consumir esse produto e se ele quer esse produto?

Marques de Mello – Nossa categoria é arrogante. Ela acha que sabe tudo, que tem a verdade. E não está preocupada em dialogar com o seu público. Ela quer, na verdade, fazer a cabeça do público.

Protagonistas – *A internet está mudando muito esse jogo de interlocução das fontes com a sociedade. Como é que isso mexe com a cabeça das pessoas no Jornalismo?*

Marques de Mello – Isso tem a ver com a questão da democracia. Cada vez está se aperfeiçoando a democracia no Brasil e democracia significa transparência. Tudo precisa ser aberto. A internet facilita, mas se não tivesse a internet haveria outro mecanismo...

Protagonistas – *Ela está submetendo o Jornalismo hoje a uma fiscalização muito mais rigorosa.*

Marques de Mello – O jornalista, que deveria estar fiscalizando, agora está sendo fiscalizado. (risos)

Protagonistas – *E isso é uma coisa que quase nunca aconteceu, não é?*

Marques de Mello – Está correndo atrás do

prejuízo. É preciso entender que muitas atividades jornalísticas, na verdade, chantageiam... Não o Jornalismo em si, mas muitas empresas jornalísticas existem em função de interesses outros que não, digamos, vender informação. Se elas fossem empresas capitalistas típicas, estariam procurando saber o que o cliente quer e trabalhar na relação custo-benefício.

Prado – *E não fazem isso hoje?*

Marques de Mello – Muitas empresas jornalísticas, sobretudo no caso de jornais diários, mantêm o jornal mais como um instrumento de “diálogo” com o Estado, ou seja, de chantagem com o Estado. Lembra do [Assis] Chateaubriand? Ele ameaçava...

Prado – *E isso continua?*

Marques de Mello – Acho que essa mentalidade ainda continua. São poucas as empresas realmente jornalísticas, como Folha, Estado, Globo, Veja, que vendem informação.

Prado – *O negócio delas é o leitor que compra aquele produto.*

Marques de Mello – É a informação que é vendida para o leitor. E da credibilidade tiram uma recompensa com a publicidade. Por que os jornais não se preocupam em aumentar a tiragem no Brasil? Muitos jornais estão satisfeitos com os anúncios que têm. Se aumentar a tiragem o custo aumenta e isso eles não querem.

Protagonistas – *Na qualidade de primeiro*

“Acho que temos um jornalismo de boa qualidade, em igualdade de condições com o jornalismo do chamado Primeiro Mundo, mas é um jornalismo para a elite. O grande problema do jornalismo brasileiro é que ele não chega à maioria da população. Nós precisamos saldar essa dívida com a população brasileira.”

doutor em Jornalismo titulado por universidade brasileira, o senhor diria que o Jornalismo brasileiro contemporâneo é de qualidade? Que virtudes apontaria nele e onde residiriam suas maiores fragilidades?

Marques de Mello – Ele é de qualidade para a elite. Acho que temos um Jornalismo de boa qualidade, em igualdade de condições com o Jornalismo do chamado Primeiro Mundo, mas é um Jornalismo para a elite. O grande problema é que ele não chega à maioria da população. Nós precisamos saldar essa dívida com a população brasileira. Criar um tipo de Jornalismo, de veículos que cheguem ao cidadão comum. Começaria dando uma solução que pode ser mal interpretada: precisamos baixar o nível do Jornalismo.

Prado – *Mas já tem um nível baixo...*

Marques de Mello – Não estou falando em baixar o nível do ponto de vista ético. Estou falando baixar o nível do ponto de vista cognitivo. Qual é a agenda dos jornais diários? Bastante informação onde? No Planalto, no Palácio do Governo, assembleias legislativas, nos bancos e nas indústrias. Mas não vão às periferias, nem aos sindicatos e nem às igrejas. Não vão aonde o povo vive. É preciso fazer uma pauta que interesse ao cidadão comum.

Prado – *O Estadão tentou com o Jornal da*

Tarde, que nasceu como um jornal vespertino, para a elite, e de uma hora para outra baixou o nível buscando a vertente popular...

Marques de Mello – E a tiragem, aumentou?

Prado – *Não que eu saiba.*

Marques de Mello – Pois é... Se não aumentou a tiragem, ele simula que está mudando, mas não mudou. A grande experiência de jornal popular no Brasil chama-se Última Hora. **Samuel Weiner** fez daquilo um jornal realmente popular, que tinha o instinto do povão. E era um jornal de boa qualidade no sentido cultural do texto. Tinha um Jornalismo de opinião, combativo, mas sintonizado com as demandas da população. Isso foi sufocado de alguma maneira.

Prado – *Você não acha que esses jornais gratuitos que são distribuídos na esquina podem preencher esse papel?*

Marques de Mello – Podem e estão preenchendo. Estão criando um hábito de leitura na população em geral. São bem feitos, bem informativos, mas se limitam só a isso. Para esse público, é suficiente. Agora, se esse público adquirir o hábito de leitura constante, vai ler mais jornais.

Prado – *Mas aí é mais uma mina nas bases do jornalão, na medida em que esses que são distribuídos na esquina crescem via publicidade. O Metro e o Destak já estão com muita*

publicidade. E já tem o hard news no jornalzinho que você pega na esquina da sua casa e lê no trânsito. Isso não é um complicador? Qual sua análise?

Marques de Mello – Na verdade, o que isso quer dizer? Que a imprensa não vai desaparecer. Ela está tomando novas formas...

Prado – *E os barões da imprensa...?*

Marques de Mello – Se não tomarem cuidado, desaparecem. Eles só não estão desaparecendo porque ainda têm um poder de barganha com o Estado muito grande.

Prado – *Mas alguns começam a desaparecer, aos poucos, não é?*

Marques de Mello – No caso brasileiro ainda é o jornal diário que pauta toda a mídia. Quem é que pauta a televisão e o rádio? É ainda o sistema de *gilette press*. Quer dizer que, de qualquer maneira, ainda se tem o jornal como um fator de liderança do ponto de vista de formação de opinião pública. Veja essa pesquisa que foi feita no Congresso Nacional (J&Cia 695 – *Pesquisa da FSB mostra que mídia impressa é a mais consultada pelos deputados*). Todos os deputados leem os jornais diariamente para se informar. Quer dizer, a fonte de informação deles, basicamente, é o jornal.

Prado – *Os barões escrevem para esses aí...*

Marques de Mello – É para eles que se escreve e não para a população.

Protagonistas – *Mas as empresas parecem dispostas a investir nas mudanças...*

Marques de Mello – Certo, mas há ainda um outro fator: o sistema público vem aumentando. Vai haver mais concorrência entre o sistema público e o privado.

Protagonistas – *Na Comunicação?*

Marques de Mello – Na Comunicação. Na televisão, há esses canais que são da Câmara, do Senado e estão prestando um belo serviço para essa faixa da população que tem capacidade de absorver produtos de qualidade.

Protagonistas – *Analisando o século passa-*

do e este começo de século, daria para arriscar um período áureo da imprensa brasileira?

Marques de Mello – Eu acho que foi lá para a metade do século. Quando se tem o Diário Carioca como celeiro das grandes mudanças, assimilação do padrão norteamericano, que na verdade é um padrão mundial. Em seguida vem a reforma do Jornal do Brasil. E na esteira disso – quer dizer, o País estava se desenvolvendo, mudando de agrário para industrial –, o aparecimento da Editora Abril, da Rede Globo já como televisão em seu momento de efervescência. Dos anos 50 até os anos 60. Eles vão ser, na verdade, truncados pelo golpe militar de 1964. Não podemos deixar de entender que o Brasil é país autoritário com

algumas brechas de democracia. O período de 1945 até 1964 é um dos mais férteis da vida cultural, da sociedade brasileira. E o que estamos vivendo agora, da Constituinte de 88 para cá, talvez seja o de maior liberdade que este País já tenha experimentado. São duas fases muito importantes, porque no fim do Império e início da República vamos ter um período de muito autoritarismo. A República surge com mais violência do que na época do Império. O II Império manteve uma monarquia parlamentar com mais leveza do que veio depois na República. É claro que tudo aquilo era leve no sentido de que havia os escravos prestando serviços à sociedade e que são injustiçados quando vem a Lei Áurea. Eles são libertados, mas não têm indenização.

Prado – *Abriram as porteiças.*

Marques de Mello – Aliás, Darcy Ribeiro tem um espetáculo muito interessante para entender como a elite brasileira é uma elite cruel. A libertação dos escravos foi feita aos pouquinhos, sempre em prejuízo dos escravos. Primeiro, baixam a Lei do Ventre Livre, “passa a ser livre, mas não tem direito a comer”. Depois, a Lei do Sexagenário, “você já está imprestável”.

“No caso brasileiro ainda é o jornal diário que pauta toda a mídia. Quem é que pauta a televisão e o rádio? É ainda o sistema de gilette press. Quer dizer que, de qualquer maneira, ainda se tem o jornal como um fator de liderança do ponto de vista de formação de opinião pública.”



José Marques de mello

Prado – *O corpo é teu.*

Marques de Melo – O que acontece? Foi se criando um regime de acomodação dos escravos, as famílias largadas porque não tinham para onde ir. E quando vem a Lei Áurea, ela serve para jogar no mundo toda essa massa para formar as favelas que se perpetuaram.

Protagonistas – *Em relação aos veículos – televisão, rádio, jornal, revista, internet –, quais têm feito, na média, um Jornalismo de melhor qualidade?*

Marques de Melo – É difícil avaliar porque não há muita pesquisa sobre isso. Posso dar uma ideia daquilo que eu acompanho. Eu di-

ria que são três matrizes importantes: Editora Abril, Folha de S.Paulo e Rede Globo.

Prado – *Rede Globo de Televisão ou Organizações Globo?*

Marques de Melo – Rede Globo de Televisão, mas isso praticamente contaminou a empresa como um todo. O Globo, por exemplo, 50 anos atrás era um jornal de segundo time. Hoje, ele se transformou num jornal de qualidade e de referência nacional.

Prado – *Influenciado pela televisão.*

Marques de Melo – Influenciado pela mentalidade capitalista que a empresa adquiriu. O que o Roberto Marinho fez? Ele importou a

organização capitalista que muitas empresas não tinham no Brasil.

Protagonistas – *A Time Life.*

Marques de Melo – *O know-how da Time Life foi fundamental para isso. Há também algumas empresas que são fontes de criação nas regiões. A RBS, por exemplo, é uma delas. No Norte do País, a Rede Amazônica, de Felipe Daou.*

Prado – *E Pernambuco e Bahia? Nunca houve um Jornalismo de qualidade?*

Marques de Melo – Pernambuco e Bahia sempre foram grandes oligarquias dominativas. No Recife, por exemplo, há uma disputa entre Jornal do Commercio e Diário de Pernambuco. O Jornal do Commercio, hoje, em condições melhores. Mas na Bahia, Antonio Carlos Magalhães dominou aquilo o tempo todo.

Prado – *E A Tarde nunca foi um jornal competitivo, não é?*

Marques de Melo – Não, tanto que quando perdeu o apoio de Antonio Carlos Magalhães teve que cair nos braços do PT para não sucumbir.

Protagonistas – *Em termos técnicos, das práticas do bom Jornalismo, em quais quesiti-*

“Observem os cadernos culturais dos jornalões: a impressão que se tem é que não vivemos no Brasil. As questões que são tratadas, os temas, as motivações são absolutamente forâneas. Isso marca, digamos, uma geração yuppie que produz jornalismo para uma minoria e não tem desconfiômetro de que não está agradando ao conjunto da população. Como não fazem pesquisa, não têm esse recibo.”

tos estamos bem e onde continuamos falhando, de maneira geral?

Marques de Melo – O Jornalismo brasileiro continua bem do ponto de vista de imagem. Trabalha bem a forma, mas o conteúdo, não. Há boa diagramação nas publicações, boas soluções gráficas e também na televisão e no rádio, mas o conteúdo continua sendo deficiente. Por quê? Porque as novas gerações não têm, digamos, aquela prontidão intelectual das gerações que eram autodidatas. Há uma coisa que é importante realçar nessa geração que entrou no Jornalismo na metade do século passado: tinha, digamos, uma apetência cognitiva. Tinha tesão intelectual. Pessoas que liam muito. Os jovens jornalistas, hoje, leem muito pouco, perderam aquele gosto pela lei-

tura. A universidade também tem culpa nisso, porque não estimula a leitura.

Prado – *E também não se perdeu aquele gosto da reportagem investigativa que se fazia nos anos 70, com Realidade e outras revistas?*

Marques de Melo – Realidade foi uma ilha num oceano completamente diferente. Foi uma experiência bancada pela família Civita de tentar um tipo de Jornalismo que foi notável no adiantado da hora. Realidade foi uma revista que praticou um Jornalismo diversional, ocupando o espaço de entretenimento que depois passou para a televisão. O que havia em Realidade? Grandes matérias que trabalhavam o trivial, o cotidiano, de maneira poética, bem escritas. Grandes matérias de **Audálio Dantas, José Hamilton Ribeiro, Milton Coelho da Graça**, essa geração toda que passou por lá; eram os fatos que estavam ali, mas tinham outro tipo de tratamento, um tratamento mais agradável.

Protagonistas – *Criatividade, não é?*

Marques de Melo – Isso falta hoje. Você pega um jornal de fim de semana e não sente prazer em ler.

Protagonistas – *As excessivas jornadas de trabalho, esse estresse técnico, não estaria sendo decisivo para o embrutecimento do Jornalismo e dos jornalistas? Está faltando ver*

cinema, conhecer culturas, trazer esse olhar para contar as histórias no Jornalismo?

Marques de Melo – Isso tem a ver também com a coisa que se chama complexo do colonizado. Essas novas gerações mimetizam os grandes enfoques de Paris, Nova York, Tóquio e Berlim, quando na verdade estão no Brasil. Observem, por exemplo, os cadernos culturais dos jornalões: a impressão que se tem é que não vivemos no Brasil. As questões que são tratadas, os temas, as motivações são absolutamente forâneas. Isso marca, digamos, uma geração yuppie que produz Jornalismo para uma minoria e não tem desconfiômetro de que não está agradando ao conjunto da população. Como não fazem pesquisa, não têm esse recibo.

Protagonistas – *As pesquisas são muito focadas, não é?*

Prado – *As pesquisas estão sendo feitas. É só ver a circulação dos jornais.*

Marques de Melo – Eu vou muito ao Nordeste, minha região, e quando chego a Maceió, Recife, e vejo os cadernos culturais tenho impressão de que estou em Nova York ou São Paulo, e não em Maceió ou Recife. (risos)

Prado – *E a parte editorial mesmo, de notícias. Algum jornal que te chama a atenção? Mais agressivo, avançado, arrojado, com tesão*



mesmo de fazer reportagem, de dar notícia na frente.

Marques de Melo – Os jornais que acompanho mais de perto são a Folha, Estadão e O Globo.

Prado – *São todos iguais?*

Marques de Melo – São todos iguais. Tem lá um certo esforço mas...

Prado – *Não te surpreende o noticiário desses jornais? Não são jornais que você abre e diz: ninguém poderia imaginar que esse jornal fosse tratar desse tema e dessa forma?*

Marques de Melo – Um jornal que eu sempre considere de destaque é o New York Times. Você tem informação de qualidade ali e, apesar da crise, continua mantendo.

Prado – *The Economist, também...*

Marques de Melo – Também, também...

Prado – *Tanto é que a gente entra nos sites do New York Times, do Financial Times, e encontra coisas novas lá...*

Marques de Melo – Mas já não é uma coisa que você possa fazer com a imprensa francesa. O próprio Le Monde, que era um jornal de referência para todos nós, está...

Prado – *Entrei muito no site do Le Monde*

“Isso [o Bolsa Família] é um alento mas cria uma situação conjuntural. O ideal seria adotar uma medida autossustentável em que essas famílias estivessem recebendo emprego, trabalhando... Esse é um modelo paliativo do governo Fernando Henrique Cardoso, que foi quem engendrou todo ele, e, pelo menos, está reduzindo a miséria.”

para acompanhar esse episódio do avião, porque imaginei que pudesse ter ali boas informações. Escrevo agora também para um jornal de Angola e fico buscando notícias internacionais. Mas é surpreendente isso que você está dizendo: entre no site do Le Monde e você vai ver. Eles deveriam cobrir essa notícia da Air France com uma profundidade extraordinária, não é? Mas noticiam o que o homem da FAB disse aqui. Não tem absolutamente nenhuma novidade. E nem fuçaram a estrutura da Air France lá – coisa que imagino poderiam ter feito. É esse Jornalismo mixuruca de que você está falando... Só tem obviedades, nada que não se tenha lido no UOL.

Marques de Melo – A impressão é de que foi

um avião brasileiro que caiu no mar...

Prado – *Qual o melhor jornal francês hoje? Le Figaro?*

Marques de Melo – Acho que estão todos numa crise profunda.

Protagonistas – *Tanto é que o governo precisou dar dinheiro para não falirem... Mas aqui temos as famílias... Atravessamos o século passado com as famílias dominando o cenário jornalístico, pelo menos a partir da segunda metade. Entramos o século com essa dominância, embora uma ou outra tenha saído por causa de problemas administrativos... Esse modelo tende a se esgotar ou as famílias terão condições de...?*

Marques de Melo – Acho que, no mundo



José Marques de Mello

capitalista, as famílias têm sido, digamos, um sustentáculo do bom Jornalismo. São famílias jornalisticamente comprometidas.

Protagonistas – *Perdemos o Jornal do Brasil, a Gazeta Mercantil, os Mesquitas já estão com um pé fora...*

Marques de Melo – Temos a família Marinho, a família Mesquita, a família Frias, e as famílias regionais, Sirotsky, Maiorana... Não vejo negativamente essa presença das famílias, vejo positivamente. Mas o perigo é elas estabelecerem alianças com bancos, com grandes corporações e entregarem o Jornalismo para decisão do marketing. Foi o que aconteceu nos Estados Unidos, onde muitas empresas foram ocupadas pelo controle acionário. E aqui elas já estão, na verdade, claudicando. Na França, essa compreensão parece estar iniciando agora: é preciso haver uma aliança do Estado com essas famílias para poder manter a independência dos veículos, se não elas vão cair nas mãos do capitalismo financeiro, do capitalismo industrial.

Protagonistas – *Em vários de seus estudos, ao se referir à questão da educação no Brasil, o senhor cita dois fatores como essenciais para a baixa escolaridade da sociedade brasi-*

reduzido. São pequenos comerciantes que se estabelecem, mas, no fundo, quem continua a abastecer é o Estado. Peguemos, por exemplo, uma cidade em que quase todo mundo é aposentado. As prefeituras passaram a ter mais movimentação. Mas isso é uma bolha. No momento em que o Estado não mais aguenta, acaba. Acho que deve continuar existindo, mas é preciso haver realmente desenvolvimento.

Protagonistas – *Ainda não há muita clareza sobre o passo seguinte...*

Marques de Melo – O Brasil tem que se perguntar: ele quer ou não quer ser capitalista? Nós avançamos um pouco e na verdade...

Prado – *A gente quer ser capitalista, mas tem vergonha...*

Marques de Melo – Tem vergonha de ser. É o que o Mário Covas dizia: esse país precisa de um choque de capitalismo.

“Fui processado e condenado, apesar de sempre me manter aqui na Universidade de São Paulo como um cidadão responsável, mas não com militância política. A militância que eu tive foi lá na juventude, em Pernambuco. Mas, aqui, eu me mantive fora de qualquer atividade partidária.”

Marques de Melo – Em Pernambuco. Na verdade, a minha prova de fogo foi trabalhar com o **Milton Coelho da Graça**. Ele era chefe da Redação. O chefe de Reportagem era o **Múcio Borges da Fonseca**, um amor de pessoa. Milton, não, era aquele do tipo “pedagogia do grito”. Pegava a pauta e quando voltava com a matéria berrava “Não presta! Volte lá e faça tudo de novo!” (risos) Mas era um jeito de fazer com que a gente aprendesse direito. E olha que eu já era jornalista profissional e estava terminando o curso de Jornalismo. Quer dizer, era um estágio que estava fazendo na prática. Vim para São Paulo. E como não havia computador naquela época, sistema de informação, passei incólume e consegui fazer concurso na USP e fiquei sem ser incomodado pelo sistema de segurança até quando comecei a exercer atividades de cidadão. Aí passei a ser perseguido. Começamos a promover a *Semana de Estudos de Jornalismo* na ECA e ela foi se transformando num evento de grande repercussão nacional e aí rapidamente me acharam (risos). O primeiro tema foi *Jornalismo Sensacionalista*, que não era muito apetitoso. Entre as pessoas que levamos havia um frade que cuidava da Pastoral Carcerária e que

leira: os processos de evasão escolar e de exclusão social. O senhor também chegou a mencionar os vários programas sociais como insuficientes, ao menos até um determinado momento, para corrigir esses graves problemas. Vê algum alento com o Bolsa Família e outros projetos alavancados pelos ministérios da área social do atual Governo?

Marques de Melo – Isso é um alento, mas cria uma situação conjuntural. O ideal seria adotar uma medida autossustentável em que essas famílias estivessem recebendo emprego, trabalhando... Esse é um modelo paliativo do governo Fernando Henrique Cardoso, que

Protagonistas – *Ideologicamente, como o senhor se situa?*

Marques de Melo – Como sempre estive. Eu me considero um cidadão progressista, mas não embrutecido pelos dogmas.

Prado – *Você foi cassado pela ditadura ou teve que sair da universidade?*

Marques de Melo – Na verdade, foram duas vezes, uma com c cedilha e outra com dois esses, caçado e cassado (risos). Porque eu fiz parte do primeiro governo de Miguel Arraes [Nota da Redação: Um dos principais nomes da esquerda brasileira, foi governador de Pernambuco por três vezes. Em 1964, quando exercia seu primeiro mandato, foi deposto pelos militares e teve que se exilar na Argélia em 1965, de onde somente retornou 14 anos depois, beneficiado pela Lei da Anistia]. Evidentemente, no 2º e 3º escalões, porque eu era muito jovem. Fui chefe de gabinete do

mais tarde viria a ser conhecido como cardeal Arns (risos) [Nota da Redação: dom Paulo Evaristo Arns, um dos principais defensores dos direitos humanos no período da ditadura, arcebispo emérito de São Paulo]. Ali também conheci **Alberto Dines**, que esteve lá. Na segunda *Semana*, eu trouxe **Barbosa Lima Sobrinho** [então presidente da ABI], **Danton Jobim** [criador da primeira escola de Jornalismo do País], **Júlio de Mesquita Neto** [então diretor do Estadão], que eram figuras que não tinham medo de falar. O tema dessa segunda *Semana* foi *Censura e liberdade de imprensa* (risos). Isso foi em 1970.

Protagonistas – *Bom! (risos)*

Marques de Melo – Fizemos essa *Semana* e tinha lá mais gente dos órgãos de segurança do que estudantes (risos). E eu cometi a imprudência de convidar uma figura da Igreja Católica, chamada dom Avelar Brandão [Vilela, então arcebispo de Salvador], para fazer a conferência de encerramento e ele, como bom pastor, explicou como funcionava tudo lá na vida eclesial, mas, honesto, ante a pergunta “há tortura no Brasil?” não pensou duas vezes e disse “hál!” E aí foi desenvolvendo o tema do ponto de vista da informação e isso provo-

“Quando o governo foi deposto [pelo golpe de 1964], eu fui caçado pelo Exército, e quando começaram a instaurar vários IPMs acabei me exilando dentro do País. Vim para São Paulo com toda uma geração que veio de lá [Pernambuco] para cá. Naquela ocasião eu também trabalhava na Última Hora, que foi desmantelada.”

foi quem engendrou todo ele, e, pelo menos, está reduzindo a miséria. Porque o que tínhamos, na verdade, eram bolsões de miseráveis que não comiam. Isso dinamizou a economia local de diversas pequenas cidades do interior do Nordeste, do Vale do Jequitinhonha, em Minas, do Vale do Ribeira, em São Paulo...

Protagonistas – *E a aposentadoria rural também...*

Marques de Melo – A aposentadoria rural... Tudo isso dinamizou, mas às custas da viúva.

Protagonistas – *Mas não começa a gerar empregos? A roda não começa a andar?*

Marques de Melo – Começa, mas é muito

secretário de Educação dele. Num segundo momento, quando mudou o secretário, fui diretor de Administração do Movimento de Cultura Popular.

Prado – *Quantos anos você tinha?*

Marques de Melo – 18 ou 19, por aí.

Protagonistas – *Precocidade!*

Marques de Melo – Foi uma temeridade eu aceitar. Quando o Germano Coelho me convidou...

Prado – *Foi na Faculdade de Jornalismo?*

Marques de Melo – Não, Direito. Cursei simultaneamente Direito e Jornalismo. Ele me convidou para ser chefe de gabinete e foi logo dizendo: “Olha, eu não gosto muito de atender deputados, público... Vou ficar fazendo planos aqui no gabinete e você se vira pra atender todos os deputados, vereadores...” Foi uma escola. Na verdade, Arraes era aquele tipo de pessoa que sabia transmitir conhecimento prático às novas gerações. É claro que, quando o governo foi deposto, eu fui caçado pelo Exército, e quando começaram a instaurar vários IPMs eu acabei me exilando dentro do País. Vim para São Paulo com toda uma geração que veio de lá para cá. Naquela ocasião eu também trabalhava na Última Hora, que foi desmantelada...

Protagonistas – *Na Última Hora em Pernambuco?*

cou uma celeuma enorme. Fora as intervenções que Lígia Fagundes Telles fazia, e **Freitas Nobre** [Nota da Redação: três vezes presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e duas da Fenaj, além de ter exercido vários mandatos como deputado federal], contra a censura. Já aí começou a perseguição e, finalmente, em 1972, fui processado pelo Decreto 477. Fui um dos poucos professores processados por esse decreto. [Nota da Redação: editado em 26 de fevereiro de 1969, foi responsável pela prisão e afastamento da universidade de estudantes e professores que ousavam desafiar os limites impostos pela ditadura militar à liberdade de pensamento.]

Protagonistas – *Geralmente era só para aluno...*

Marques de Melo – Sabe por quê? Uma coisa esdrúxula! Chegou uma denúncia na USP de que eu era responsável por denegrir a imagem brasileira no exterior. Uma denúncia que veio da Alemanha, por causa de uma apostila que eu tinha publicado em 1968. Eles foram descobrir isso em 1972. Essa apostila chamava-se *Técnicas do Lide*. Eu ensinava os profissionais como se fazia o lide. Só que a minha metodologia de ensino contempla os jornais



José Marques de Mello

do dia. Isso aprendi com **Luiz Beltrão** [estudioso de Comunicação] e outros professores americanos com quem convivi. Você dá a parte teórica e manda o aluno verificar se a teoria funciona na prática, dizendo “está ali o jornal do dia; vá conferir”. Os alunos levavam um jornal diário e recortavam diferentes tipos de lide. De um modo geral, eles faziam uma apostilazinha com as notícias do dia. Eu dei essa aula sobre técnica do lide no dia 13 ou 14 de dezembro de 1968 [13/12/68 foi a promulgação do AI-5, o mais violento da ditadura militar], no dia seguinte ao da morte de Edson Luís Lima Souto [estudante morto pelos militares no bar Calabouço, no Rio de Janeiro]. (risos)

Prado – *Só tinha notícia ruim.*

Marques de Mello – E os jornais eram censurados, hein? Não estava tratando com jornais clandestinos. Era Folha, Estadão...

Protagonistas – *A apostila era altamente subversiva.*

Marques de Mello – A apostila circulou e alguns professores passaram a viver na Bélgica, na Alemanha, e a distribuí-las para interessados que mudaram para lá e tornou-se uma referência na didática de Jornalismo. Alguém da Embaixada do Brasil na Alemanha mandou

isso para cá como uma denúncia. Fui processado e condenado, apesar de sempre me manter aqui na Universidade de São Paulo como um cidadão responsável, mas não com militância política. A militância que eu tive foi na juventude, em Pernambuco. Mas, aqui, eu me mantive fora de qualquer atividade partidária. A minha sorte é que o ministro da Educação, na época, Jarbas Passarinho, lia esses processos todos. Quando chegou o meu, ele chamou os membros da Comissão Processante – o reitor da USP era Miguel Reale – e falou: “Espera aí. Essa lei nós fazemos para punir os terroristas. Esse rapaz aqui não é um terrorista. Está se vendo que é um idealista”. E absolveu. Fui processado pelo 477, mas tinha um atestado por ter sido absolvido pelo ministro. Só que o sistema de segurança não queria saber de nada disso. Já havia aquela

movimentação do general Ednardo D’Ávila, aqui em São Paulo [comandante do II Exército na época em que mais houve denúncias de torturas, quando também morreu **Vladimir Herzog**]. Havia também o fato de nós termos admitido lá no Departamento de Jornalismo da USP alguns professores que eram considerados subversivos, como Freitas Nobre, Jair Borin, Thomas Farkas e Vladimir Herzog. Eles passaram a entender que o Departamento de Jornalismo era um antro de mau caminho para as novas gerações. A tal ponto que eu não pude permanecer no País. Me avisaram que era melhor eu sair porque eles não aceitaram a derrota e encararam como uma provocação a absolvição do ministro. E tome perseguição. Eu não podia mais ir ao exterior, nem quando era convidado para congressos. Como não me davam autorização, eu escrevia os trabalhos e

“Eu fiquei sob a proteção da Igreja Metodista. Quando veio a Anistia, fui anistiado na USP. No nosso Departamento éramos quatro professores anistiados: eu, Jair Borin, Freitas Nobre e Thomas Farkas.”

pedia para algum amigo levar. Aí vinham perguntar: “O senhor esteve lá?” e eu dizia: “Não estive”. “Então tem que provar que não esteve”. Os amigos me aconselharam a sair do País, se não ia acontecer alguma coisa. Quase todos eles tinham passagens pelo DOI-CODI ou DOPS. Consegui, com a ajuda do professor Raymond Nixon, que é um velho liberal americano, uma acolhida em uma universidade americana, mesmo tendo militado na Juventude Comunista lá em Pernambuco. Aquilo era considerado quase um impedimento para entrar nos Estados Unidos.

Prado – *Para dar visto, tinha lá a pergunta: “Você pertence ou já pertenceu ao Partido Comunista?”*

Marques de Mello – Eu até fui poupado disso, porque o professor Nixon conseguiu uma espécie de salvo-conduto para mim. Saí daqui e passei um ano nos Estados Unidos. Fui com

bolsa da Fapesp, para defender minha tese de doutorado, que acabou ganhando repercussão no Brasil inteiro, até porque fui o primeiro doutor em Jornalismo no País. Mas como toda a imprensa noticiou, aquilo foi entendido pelo sistema de segurança pública como uma provocação. (risos) Se eu ficasse calado, era provocação, se havia alguma coisa... Quando cheguei de volta, um ano depois, pensei: “Ah, já esqueceram”. Esqueceram coisa nenhuma! Um mês depois fui surpreendido com a publicação no Diário Oficial cancelando meu contrato com a Universidade de São Paulo.

Protagonistas – *Foi exonerado...*

Marques de Mello – Não me pagaram um tostão. Eu tentei ainda justificar, mas não havia justificativa. Fiquei sem condições de trabalhar. Todas as universidades que eu ia procurar diziam: “Ah, veio aqui o sistema de segurança e disse que o senhor não pode traba-

lhar”. Já estava praticamente indo embora do País, voltando para os Estados Unidos ou iria para a Europa, mas aí eu recebi um convite do Instituto Metodista, que começava a trabalhar com educação superior. Eu disse: “Olha, eu sou visado pelo sistema”. Mas eles falaram: “Se você não fizer proselitismo, será bem-vindo aqui”. Eu fui, e realmente dois meses depois chegou uma delegação do II Exército. Mas o reitor era uma figura desse tipo: “O senhor ponha-se para fora daqui. Aqui é uma casa religiosa e quem manda sou eu e contrato quem eu quero. Não vou demitir o professor”.

Prado – *São já muitos anos, não é?*

Marques de Mello – Eu fiquei lá até a Anistia [agosto de 1979]. Bem, mas voltando, aí ele me chamou e disse: “Olha, eu não conheço o senhor, mas o senhor comporte-se aqui. Não faça proselitismo”. Eu disse: “Doutor Bittencourt, eu sempre abominei os professores meus, de direita, que faziam proselitismo. E não vou praticar a mesma coisa aqui”. Falei também que havia publicado dois livros. “O senhor leia meus livros. Se achar que tem alguma coisa comprometedora, me desligo da instituição”. Ele respondeu: “Está bem”. Depois de um mês me chamou e afirmou: “Eu li. Não tem perigo nenhum. O senhor pode continuar”. Fiquei sob a proteção da Igreja Metodista. Quando veio a Anistia, fui anistiado na USP.

“Acho que não tenho vocação para mártir ideológico. Quem entra na chuva é para se molhar. Têm direito à indenização pessoas que foram torturadas, pais de família. Eu consegui sobreviver. Então, por que agora vou reclamar?”

No nosso Departamento éramos quatro professores anistiados: eu, **Jair Borin**, **Freitas Nobre** e **Thomas Farkas**.

Prado – *Os quatro voltaram?*

Marques de Mello – Não. Freitas Nobre foi o mais difícil de voltar. Voltamos os três, mas ele teve mais dificuldade porque criaram na USP um processo contra ele dizendo que havia acumulado ilegalmente o mandato de deputado federal com a atividade de professor. Ora, Freitas Nobre teve que pedir autorização do Congresso Nacional para poder dar aula na USP de sexta-feira à noite, sem receber salário na USP. Que acumulação era essa? Ele foi o último a ser readmitido e veio a falecer depois. Como se vê, minha relação com o regime militar foi traumática. E nunca quis reclamar nada de indenização.

Prado – *Você não conseguiu aposentadoria por perseguição política?*

Marques de Mello – Não. Foi por tempo de serviço. Eu me aposentei proporcional, com 34 anos de serviço público.

Protagonistas – *Alguma razão para não ter requerido?*

Marques de Mello – Acho que não tenho vo-

cação para mártir ideológico. Quem entra na chuva é para se molhar. Têm direito à indenização pessoas que foram torturadas, pais de família. Eu consegui sobreviver. Então, por que agora vou reclamar?

Protagonistas – *Pode revelar em quem votou na última eleição presidencial?*

Marques de Mello – Quem foram os candidatos? Nem lembro mais... (risos)

Protagonistas – *Foram Lula, Alckmin, Ciro Gomes...*

Prado – *Foi o 2º mandato do Lula.*

Marques de Mello – Eu nem me lembro se foi no Lula ou no Alckmin.

Protagonistas – *Foi um dos dois.*

Marques de Mello – Só havia os dois?

Protagonistas – *No 1º turno tinha a Heloísa Helena.*

Marques de Mello – Nesta última eleição eu não me lembro. Da outra eu votei no Serra. Nesta eu não sei em quem votei, não. Quem sabe de voto lá em casa é a minha mulher. (risos)

Protagonistas – *Professor, o que o senhor pensa da elite empresarial, acadêmica, política e jornalística do País?*

Marques de Mello – Todas essas elites são execráveis do ponto de vista de que não pensam que se alimentam dos produtos sociais e deveriam dar um retorno à sociedade. Enquanto elites, elas deveriam abdicar desse papel e ter um papel de liderança, mas não se beneficiarem do produto social sozinhas. Estou me referindo, evidentemente, a uma situação singular brasileira: há uma elite que tem toda a riqueza concentrada em poucas mãos e a maioria da população vivendo na pobreza, na miséria. Não é mais na indigência porque os subsídios do Estado estão acabando com isso.

Protagonistas – *Arriscaria citar alguns intelectuais que considera relevantes na atualidade?*

Marques de Mello – Da atualidade? É difícil... Do passado eu sei todos.

Protagonistas – *Alguns do passado, então.*

Marques de Mello – Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro.

Protagonistas – *Qual a sua rotina de leitura?*

Marques de Mello – De modo geral, acordo às 4h da manhã. Leio até às 8h os jornais na internet. Fico sabendo de tudo que está acon-



José Marques de Mello

tecendo no Brasil e no mundo. E faço leituras, porque como continuo dando aulas preciso estar bem informado perante os meus alunos. E não sobra tempo, evidentemente, para ler o que eu mais gosto, literatura. Faço isso nos fins de semana e nas férias. E tenho preferência por três gêneros: memórias, biografias e relatos de viagens. Mas também gosto muito de ler novela e romance. E vou dormir cedo, logo depois da novela.

Protagonistas – *Mestres do Jornalismo você já falou. Luiz Beltrão...*

Marques de Mello – Luiz Beltrão foi meu professor de Jornalismo.

Protagonistas – *E no exercício da profissão? Eu ouvi um nome...*

Marques de Mello – Carvalho Veras, meu primeiro professor de Jornalismo.

Protagonistas – *Não foi seu primeiro editor?*

Marques de Mello – Foi professor no sentido prático.

Protagonistas – *E houve outros que foram importantes na sua formação?*

Marques de Mello – Milton Coelho da Graça e Múcio Borges. Quando vim para São Paulo Múcio me acolheu. Milton foi meu companheiro de trabalho também na Sudene [Su-

perintendência do Desenvolvimento do Nordeste]. Depois que fecharam a Última Hora ele conseguiu ser redator da Sudene. E Milton, eu me lembro, foi tão torturado que voltou quebrado, sem os dentes da frente...

Prado – *Ele usa uma dentadura na parte da frente.*

Marques de Mello – Nós trabalhávamos em uma seção em que éramos eu, Milton e o professor Cristiano Cordeiro. Sabe quem é Cristiano Cordeiro? Um dos fundadores do Partido Comunista no Brasil. (risos) Ele tinha quase 90 anos, mas precisava trabalhar. Era um poliglota, e corrigia todos os textos em inglês e francês naquela época da Sudene.

Protagonistas – *O senhor é religioso? Como analisa religiosidade em nosso País?*

Marques de Mello – Eu sou de uma família católica com dissidência. Meu pai era agnóstico e minha mãe, muito católica. Fui criado pelos evangélicos. Meu pai tinha um pacto com minha mãe: "Você manda as meninas para as freiras, mas os meus meninos não vão para os padres!" (risos) Ele me mandou estudar em um colégio Batista, coisa que eu agradeço, porque tive uma formação liberal, no sentido pragmático do termo de John Dewey [americano, um dos fundadores da escola filosófica do Pragmatismo]. Fiz o curso secundário no Colégio Batista Alagoano e na Universidade Batista, no Recife.

“Todas essas elites [as brasileiras] são execráveis do ponto de vista de que não pensam que se alimentam dos produtos sociais e deveriam dar um retorno à sociedade. Enquanto elites, elas deveriam abdicar desse papel e ter um papel de liderança, mas não se beneficiarem do produto social sozinhas.”

Prado – *Eram bons colégios?*

Marques de Mello – Eram colégios de muito boa qualidade.

Protagonistas – *E essa presença da religião na mídia, cada vez mais forte? Rádios, jornais...*

Marques de Mello – Acho que isso é compre-

ensível em um país religioso como o Brasil. O Brasil é um país extremamente religioso, apesar do sincretismo.

Protagonistas – *Não vê com preocupação esse fenômeno?*

Marques de Mello – Não. Acho que os latino-americanos e os africanos são povos religiosos por natureza.

Prado – *Nos Estados Unidos, houve uma época que essa gente subiu muito, esses pregadores...*

Marques de Mello – Mas isso não é religião, é um modelo de vida. Estou falando religioso na essência. O brasileiro vive a religiosidade como uma coisa da vida cultural. Isso tem a ver com as origens indígenas e africanas que nós temos. Na verdade, a Igreja Católica não se adaptou a isso no Brasil, na medida em que o catolicismo praticado pelos portugueses aqui era completamente diferente do catolicismo praticado pelos espanhóis no resto da América. O sincretismo assimilou muito dessas práticas religiosas. A religiosidade faz parte da nossa cultura. Por isso é que nós somos supersticiosos e temos uma certa mística que marca o cotidiano. Tanto que quando fui cassado na USP, antes de ir para a Metodista, D. Paulo Evaristo me convidou para ser editor de Cultura do jornal O São Paulo, cen-

surado. Ia tudo para Brasília por causa da censura.

Protagonistas – *Professor, agora, para encerrar, um pingue-pongue rápido. Uma pessoa inesquecível.*

Marques de Mello – Minha mãe, dona Iveta.

Protagonistas – *Um amor.*

Marques de Mello – Silvia, minha mulher.

Protagonistas – *Um hobby.*

Marques de Mello – Leitura.

Protagonistas – *Um defeito.*

Marques de Mello – Comer muito. Sou um pouco glutão. (risos)

Protagonistas – *Uma qualidade.*

Marques de Mello – Acho que generosidade. Se é uma coisa que me caracteriza é isso. Não sou pessoa de guardar rancor.

Protagonistas – *Um amigo.*

Marques de Mello – São tantos que é difícil falar de um só.

Protagonistas – *Um livro e um autor.*

Marques de Mello – *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Foi um livro que me marcou muito.

Protagonistas – *Um filme.*

Marques de Mello – *Dançando na Chuva*.

Protagonistas – *Uma peça de teatro.*

Marques de Mello – As peças de Antonio Callado.

Protagonistas – *Uma atriz e um ator.*

Marques de Mello – Difícil dizer. Gosto de muitas atrizes.

Protagonistas – *Uma música.*

Marques de Mello – *Danúbio Azul*.

Protagonistas – *Um cantor, uma cantora.*

Marques de Mello – Elizeth Cardoso. Cantor... Também não tenho preferência por nenhum específico.

Protagonistas – *Um repórter. Vivo ou morto.*

Marques de Mello – John Reed [autor de *13 dias que abalaram o mundo*].

Protagonistas – *Uma reportagem memorável. Tem alguma que tenha ficado na sua memória, feita por você ou por alguém?*

Marques de Mello – Bem, dentro de Realidade, uma de José Hamilton Ribeiro: *O Gosto da Guerra*.

Protagonistas – *Um político. Vivo ou morto.*

Marques de Mello – O primeiro Miguel Arraes. (risos)

Protagonistas – *Um grande brasileiro e uma grande brasileira.*

Marques de Mello – Vamos passar...

Protagonistas – *Uma cidade.*

Marques de Mello – São Paulo.

Protagonistas – *Um fato marcante.*

Marques de Mello – O golpe de 64. Foi um fato marcante porque fui surpreendido. Eu estava de férias e quando cheguei em Recife...

Prado – *Você tinha quantos anos?*

Marques de Mello – 21 anos. O que mais me causou impacto foi a prisão de Gregório Bezerra [político pernambucano que foi preso logo após o golpe]. Ver Gregório Bezerra sendo torturado pela televisão. Uma coisa abominável...

Prado – *Foi mandado para a ilha de Fernando de Noronha.*

Marques de Mello – Mas aí já foi a libertação dele. Mas o que ele sofreu de humilhação... Foi arrastado pelas ruas de Recife. Eu vi na televisão. Eu ainda tinha esperança de que aquilo fosse uma quartelada...

Prado – *Pensou que não ia durar muito, não é?*

Marques de Mello – Aí eu vi que ia demorar muito...

Protagonistas – *Uma invenção.*

Marques de Mello – Acho que o computador. Uma das maiores invenções que nós temos.

Protagonistas – *Uma cor.*

Marques de Mello – Encarnado.

Protagonistas – *E um sonho.*

Marques de Mello – Ver a população brasileira sem passar fome.

Expediente

PROTAGONISTAS da Imprensa Brasileira é um informativo produzido pela M&A Publicações e Eventos • Tel. 11-5572-9700 • Diretor e Editor Responsável: **Eduardo Ribeiro** (eduribeiro@jornalistasecia.com.br) • Editor Executivo: **Wilson Baroncelli** (baroncelli@jornalistasecia.com.br) • Assistente: **Luiz Anversa** (luizanversa@jornalistasecia.com.br) • Projeto Gráfico e Diagramação: **Paulo Sant'Ana** (pr-santana@uol.com.br) • Circulação e Publicidade: **Silvio Ribeiro** (silvio@jornalistasecia.com.br).